



ACADEMIA FREDERIQUENSE DE LETRAS REÚNE ESCRITORES E FORTALECE A LEITURA E A PRODUÇÃO LITERÁRIA LOCAL



Cercada por livros e memórias, Ophelia Paetzold relê um trecho de sua dissertação de mestrado intitulada 'Cidade Educadora', defendida em 2006 na Unisinos. O trabalho reflete sua visão sobre o papel transformador da educação nas comunidades e reafirma sua trajetória ao ensino e à formação por meio da leitura e da escrita. Foto: Scheila Avila

OS DESAFIOS DA ATIVIDADE LEITEIRA NA REGIÃO NOROESTE

Apesar do aumento da produção, incerteza sobre a renda ainda preocupa produtores

| 19

QUANDO O INTERIOR VIRA FILME

7º Festival de Cinema de Três Passos valoriza a produção de obras audiovisuais independentes

| 8

HEMODIÁLISE NO NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Três Passos constrói novo centro. Enquanto isso, o de Frederico Westphalen já ultrapassa seu limite

| 13

EDITORIAL

Esta é a terceira edição do jornal Noroeste em Pauta. Ele é um jornal de periodicidade anual que desenvolve pautas relacionadas à região noroeste do Rio Grande do Sul (RS). O jornal é produzido por estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) do campus de Frederico Westphalen (FW). Por fazer parte de uma prática de ensino-aprendizagem, o chamamos de “jornal-laboratório”. Com ele, os alunos dão seus primeiros passos na prática jornalística. De agosto a dezembro de 2025, tivemos 40 alunos do curso de Jornalismo trabalhando no jornal, 18 deles elaborando as reportagens, 18 elaborando artigos de opinião e dois fazendo a

produção gráfica. São alunos de segundo, quarto e sexto semestres; jovens com 20 anos, em média. Eles vieram de vários estados do Brasil para estudar: Pará, São Paulo, Santa Catarina e de todas as partes do Rio Grande do Sul. Até mesmo uma aluna da Guiné-Bissau e outro do Congo, ambos países da África, ajudaram na construção desta edição. As pautas foram escolhidas por eles, tendo como critério a relevância dos temas para a região noroeste do RS. A apuração buscou contemplar vários tipos de fontes — oficiais, participantes, especialistas, documentais. As fotografias e os infográficos tiveram como objetivo sintetizar a informação. A redação dos textos contou com o apoio do Manu-

al de Redação da Agência da Hora. A diagramação seguiu o design clássico do jornal. A edição ficou a cargo dos docentes das disciplinas de Redação Jornalística 2 e Planejamento Gráfico. Em todos os processos, a ética jornalística e os direitos humanos guiaram os passos dos jornalistas em formação. A novidade desta edição é, justamente, a presença dos artigos de opinião. Os artigos tiveram como tema as pautas da edição e foram elaborados na disciplina de Língua Portuguesa 3. Infelizmente, apenas quatro do total produzido puderam ser incorporados ao jornal. Agradecemos enormemente àqueles que compartilharam seu tempo concedendo entrevistas e

nos repassando informações. Esperamos que os moradores de Frederico Westphalen e do noroeste do RS se reconheçam nessas páginas. Também esperamos que os leitores de longe, como são os familiares de muitos dos nossos repórteres, se (re)aproximem da região, a partir da leitura deste jornal, que é feito com empenho e carinho por toda sua equipe.

Profa. Andréa Franciéle Weber
Redação Jornalística II
2025.2

Noroeste em pauta

ANO 3, número 2, dezembro de 2025

Publicação laboratorial do Curso de Jornalismo: Bacharelado, do Departamento de Ciências da Comunicação (Decom), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus de Frederico Westphalen, desenvolvida nas disciplinas de Redação Jornalística II e Planejamento Gráfico

PROFESSORAS RESPONSÁVEIS
Andréa Weber - Red. Jornalística II
Paulo César Munhoz

CHEFIA DO DEP. DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
Márcia Elisa Vanzin Boabaid

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO
Rafael Foletto

Universidade Federal de Santa Maria
Campus Frederico Westphalen
Linha 7 de Setembro, s/n - BR 386 Km 40
Frederico Westphalen - RS - 98400-000
+55 (55) 3744-0600

PROFESSORES
Andréa Franciéle Weber
Paulo César Vialle Munhoz
Márcia Vanzin Boabaid

ALUNOS
Ana Giulia Chedid Padilha Ribeiro
Anaximandra Gomes
Eduardo Faria Rucks
Franck Kardorel Loutomou Massoumou
Gabrielly Menezes Da Silva
Guilherme Xavier de Souza
Isabelle Pereira Okubo
Laura Fengler Tavares
Luana Eich Jardim
Luís Claudio Klafke Da Silva
Luiza Da Silva Dutra De Abreu
Luiza Lima Domingos Campos
Magali Grazieli Voltz
Maria Caroline Fae Signori
Marina dos Santos de Lima
Mateus Eduardo Marchioro
Mateus Scherer
Pedro Henrique Lima Muller
Scheila Bueno de Avilla
Welitom Bilharva Vargas

DIAGRAMAÇÃO
João Vicente C. Magalhães
Mauricio Mello

CONTATO
noroesteempauta@ufsm.br



Cultura e Educação



Desfile de professores e alunos do curso de Licenciatura Intercultural Indígena em comemoração à Independência do Brasil, em Redentora (RS) | Foto: arquivo pessoal.

SABERES INDÍGENAS NA UFSM/FW

Curso de Licenciatura Intercultural Indígena promove a cultura e contribui para a formação de educadores

ANAXIMANDRA GOMES

Você já ouviu falar sobre o curso de Licenciatura Intercultural Indígena? Ofertado pela Universidade Federal de Santa Maria, campus de Frederico Westphalen (UFSM/FW), ele é uma formação de ensino superior presencial, com estratégia curricular da alternância, que visa a qualificação de professores para atuarem em escolas indígenas de maneira diferenciada e intercultural, aprofundando a reflexão sobre práticas pedagógicas e valorizando a diversidade cultural e o conhecimento dos povos originários.

A professora indígena Rosane Crespo, que trabalha há mais de 16 anos na comunidade Guarita em Redentora (RS), falou sobre a decisão de fazer o curso: “É muito bom a gente se aprofundar mais para saber sobre as culturas indígenas, não só sobre a cultura kaingang, mas sobre a cultura guarani”. Rosane explica que o curso tem um papel importante para fortalecer os saberes tradicionais e ajudar na forma como ela ensina seus alunos, já que muitos jovens da comunidade não falam bem a língua kaingang. Ela comenta também que não acha o curso difícil,

porque já tem bastante experiência na área da educação, e vê o espaço da universidade como uma troca de conhecimentos entre diferentes etnias. “Para mim é a melhor coisa que aconteceu na minha vida e na minha aldeia”, declarou ela. **SOBRE O CURSO** As aulas acontecem nas sextas e sábados em quatro territórios indígenas kaingang: Monte Caseros, que fica no município de Muliterno (RS); Inhacorrã, que se localiza no município de São Valério do Sul (RS); Guarita, que se distribui pelos municípios de Redentora e de Tenente

Portela (RS) e Goj Veso, que se situa no município de Iraí (RS). O curso conta, atualmente, com 96 alunos. O curso também promove um encontro semestral com todas as turmas na UFSM/FW. O último aconteceu no sábado em 8 de novembro, no Espaço de Convivência, das 8h da manhã até às 17h da tarde. Este evento teve como principal objetivo promover a integração entre os estudantes de diferentes territórios, proporcionando-lhes uma vivência completa da universidade. Durante o encontro, os estudantes participaram de diversas atividades no campus,



Desfile de professores e alunos do curso de Licenciatura Intercultural Indígena em comemoração à Independência do Brasil, em Redentora (RS) | Foto: arquivo pessoal.

aulas, rodas de conversa, visitas às estruturas universitárias e refeições no Restaurante Universitário. O evento é aberto à comunidade. “Venham conhecer essa cultura, conheçam cada vez mais, porque o respeito à verdade, às diferenças e à cultura, a gente só desenvolve conhecendo de verdade”, enfatizou a professora e coordenadora do curso, Aline Passini.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

Para Marcelo Pustilnik que é professor da Universidade Federal de Santa

Maria (UFSM) no departamento de Fundamentos da Educação, o impacto de uma formação superior para o povo kaingang vai além da sala de aula, representando uma ferramenta para o fortalecimento e organização política. Ele destaca que a comunidade kaingang possui votos suficientes para eleger representantes, como prefeitos e deputados, mas ainda não o fez por falta de organização.

A formação de professores bem preparados é vista como o início de um ciclo virtuoso, onde novas gerações de indígenas, cons-

cientes de sua identidade e de seus desafios, poderão se defender e lutar por seus direitos. “É uma forma de ir preparando essa comunidade para entender que ela precisa se capacitar, se organizar e começar a refletir sobre o que é ser kaingang no mundo de hoje”, explicou ele.

Em uma análise sobre os rumos da educação indígena no Brasil, Marcelo, que atua na formação de educadores kaingang desde 2015, defende que o modelo educacional atual nas aldeias funciona como um “Cavalo de Troia” e que a mudança

fundamental começa com a liderança indígena nas escolas. O ponto central de sua argumentação é a necessidade de substituir os educadores não indígenas. “Um branco, por mais que seja esforçado e simpático, não vai entender a lógica ou aquilo que é importante ao povo kaingang. Quem vai saber realmente o que é importante é um kaingang”, afirma.

Para ele, é fundamental que não apenas os professores, mas também a direção da escola, sejam ocupados por indígenas da própria comunidade e que tenham um compromisso genuíno com a preservação e o desenvolvimento de sua cultura.

Marcelo critica o modelo escolar ocidental, que ele chama de “escola fog” (escola não indígena em língua kaingang), por ser pautado em lógicas de produtividade e competição que são ruins para a cultura kaingang. Ele argumenta que a escola que hoje existe nas comunidades indígenas ensina “os kaingangs a serem fogs” e que sua verdadeira função deveria ser o oposto. “A função de uma escola dentro da comunidade é fazer com que uma criança kaingang se torne kaingang e não se torne um fog”, ressalta.

DESAFIOS

A manutenção de cursos como o Licenciatura Intercultural Indígena ainda enfrenta obstáculos, sendo o principal deles o financiamento público. Marcelo aponta que a continuidade deles depende da vontade política dos governos. Ele menciona que o programa foi interrompido após a queda do governo Dilma e retomado na gestão atual.

Além disso, o professor expõe a dificuldade para a inclusão de estudantes indígenas no ensino superior. Embora existam vestibulares específicos as universidades ainda falham em oferecer um suporte real para a permanência desses alunos.

COM INCENTIVO, A ARTE SE FORTALECE

Chegada de recursos da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB) movimenta projetos culturais em Frederico Westphalen

ANA GIULIA CHEDID PADILHA
RIBEIRO
LAURA FENGLER TAVARES
MARIA CAROLINE FAÉ SIGNORI

Durante uma aula de produção audiovisual, o professor Jeferson Candeten pretendia construir um roteiro e perguntou aos seus alunos quais eram suas memórias mais felizes. Joana [nome fictício] respondeu que sua lembrança mais feliz era visitar escolas e fotografar. A resposta o surpreendeu, pois não esperava que a atividade escolar teria tanto impacto na vida dos estudantes.

Essa atividade fez parte do projeto Inclusão Fotográfica, coordenado por Jeferson, que é professor da APAE de Frederico Westphalen, no noroeste do Rio Grande do Sul. A atividade foi ampliada e recebeu recursos para a aquisição de materiais para sua realização a partir da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), no ano de 2024, em seu primeiro ciclo de repasse.

As aulas do professor Jeferson iniciaram em 2023, sem recursos adicionais aos que já são captados pela APAE, de modo que, durante as oficinas, os sete alunos participantes utilizavam seus próprios celulares para fotografar. Inicialmente, foram organizadas exposições das fotografias pela cidade, com recursos advindos de parcerias com fotógrafos e outras instituições locais, visando divulgar a importância do trabalho realizado com os alunos com deficiência do município. Jeferson comenta que descobriu a possibilidade de inscrever a oficina em editais da lei Aldir Blanc a partir do sucesso das exposições e do entendimento de que o projeto poderia ser



Aluno do projeto Inclusão Fotográfica, fotografando com a câmera instantânea adquirida a partir de recursos da PNAB (Política Nacional Aldir Blanc) | Foto: Laura Fengler Tavares

ainda melhor explorado se obtivesse mais recursos.

Com os novos equipamentos em mãos, como câmeras instantâneas, filmes fotográficos e biombos para a exposição das fotografias, adquiridos por meio da verba de R\$10.000 recebida, novas oficinas e exposições iniciaram. Cinco instituições educacionais no município foram visitadas, dentre as quais a UFSM, a URI, o IFFar, a Escola Nossa Senhora Auxiliadora e a Escola Estadual de Ensino Médio Cardeal Roncalli.

A partir do sucesso das exposições, Jeferson percebeu que momentos como

esse são muito importantes, pois permitem uma troca de experiências valiosa entre os alunos da APAE e os estudantes das demais instituições, além de dar mais visibilidade às atividades realizadas dentro da instituição de ensino especial. “A arte consegue comunicar de uma maneira mais assertiva, ela democratiza a informação”, frisa o professor.

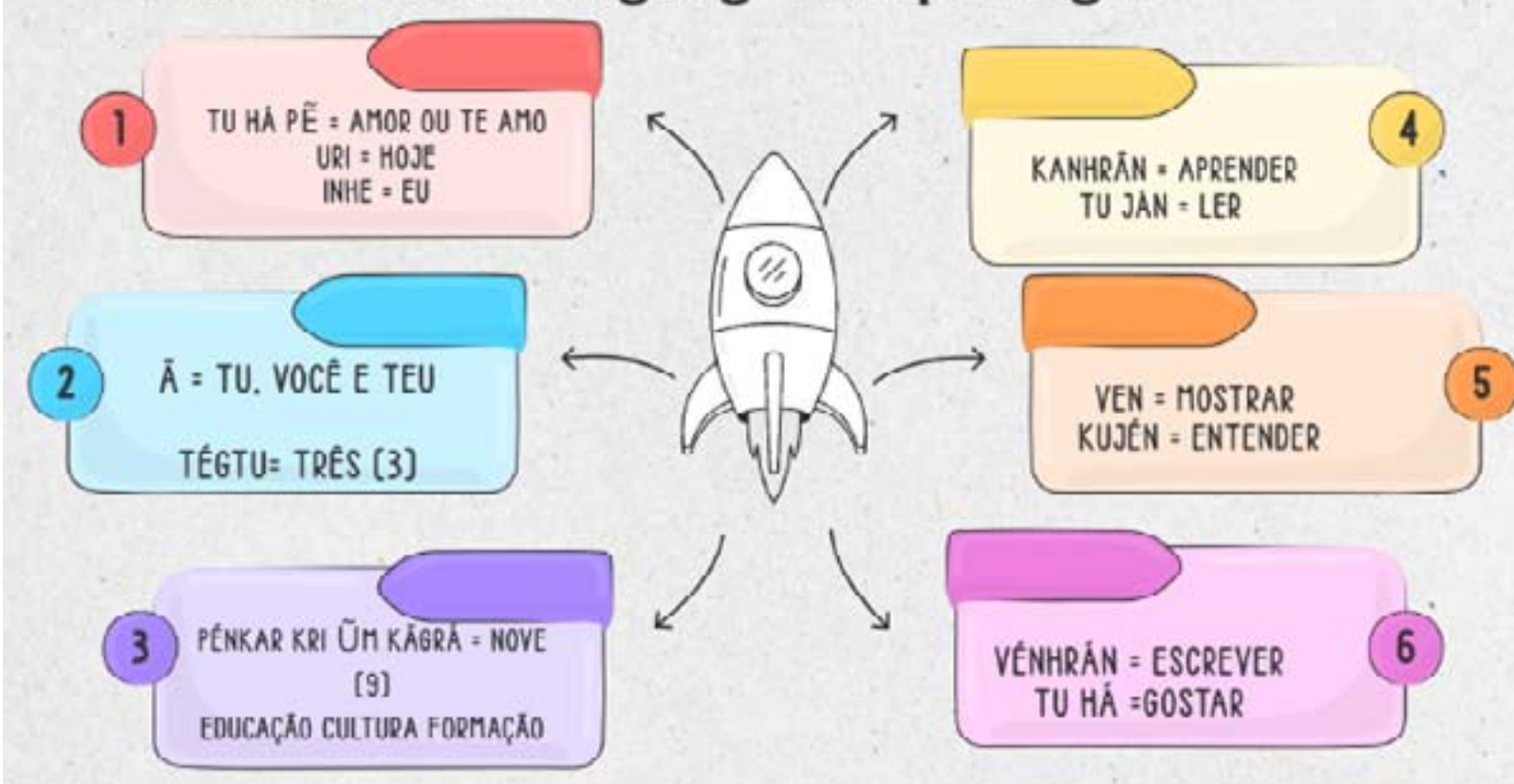
DA EMERGÊNCIA À CONSOLIDAÇÃO

A Lei Aldir Blanc surgiu em resposta à crise do setor cultural acarretada pela pandemia da COVID-19 no ano de 2020, durante a

qual as pessoas foram impossibilitadas de realizar ou comparecer a eventos. Em virtude disso, foi criada uma medida emergencial para auxiliar o setor artístico, que esteve entre os mais afetados naquele momento. Em homenagem ao compositor e letrista brasileiro, o auxílio emergencial recebeu o nome de Aldir Blanc.

No ano de 2022, o benefício deixou de ser emergencial e passou a se chamar Política Nacional Aldir Blanc, visando a consolidação de um sistema de fomento à cultura que prevê um repasse de R\$15 bilhões divididos em um ciclo de

Palavras em kaingang e em português



cinco anos, totalizando R\$3 bilhões anuais para os estados, municípios e Distrito Federal.

O fomento conta com diferentes tipos de editais, dentre os quais destacam-se, por maior adesão no município de Frederico Westphalen, o de premiação e o de execução cultural. O primeiro contempla artistas baseando-se em trabalhos culturais realizados em prol dos municípios ao longo dos anos. Já no segundo, o artista ou agente deve submeter um plano de trabalho e, após, apresentar comprovações das atividades realizadas, por meio de listas de presença oficiais, notícias ou reportagens. Além dos editais citados, existem outros que podem ser consultados por meio do site do Ministério da Cultura em uma página intitulada Modelos Gerais PNAB.

Segundo o projeto de lei, a PNAB visa beneficiar espaços artístico-culturais sem fins lucrativos e agentes que atuem na produção e propagação de cultura. O projeto prevê que a decisão sobre como o recurso será repartido deverá ocorrer na comunidade, por meio de audiências públicas.

A DISTRIBUIÇÃO DO RECURSO DA PNAB EM FREDERICO WESTPHALEN

No dia 06 de agosto de 2025, foi realizada na Câmara de Vereadores de Frederico Westphalen, a audiência pública para a definição do plano de aplicação do recurso do segundo ciclo da PNAB. O município de aproximadamente 32 mil habitantes receberá um repasse de R\$252.712,34, dos quais 83,13% será destinado a um edital de produção cultural e 3,96% a um edital de mestres e mestras de cultura. Outros 7,9% serão utilizados em premiações para pontos de cultura, e os 5% restantes, seguindo orientações do Ministério da Cultura, serão destinados a custos operacionais. Neste ciclo do recurso, os editais pas-



João Paulo Ues Tamasia, diretor de cultura de Frederico Westphalen, discursando durante o Festival Atena 2025. | Foto: arquivo pessoal

sam a ser elaborados por um instituto de gestão cultural localizado em Ijuí (RS), a 170 km de Frederico Westphalen.

Os editais têm como objetivo dar visibilidade a artistas que muitas vezes recebem pouco reconhecimento e, dessa forma, encontram dificuldades para trabalhar exclusivamente com a arte. Segundo João Paulo Ues Tamasia, diretor de cultura de Frederico Westphalen, o fomento vem aos municípios para dar segurança aos artistas locais e impulsionar suas

produções, pois a “cultura e a arte acabam virando um hobby para eles [os artistas], mesmo que seja um trabalho, não é a verdade no final do mês na questão financeira”.

Em seu primeiro ano de repasse à cidade de Frederico, em 2024, os editais foram divididos nas categorias Júnior R\$3.000, Sênior R\$6.000 e Master R\$10.000. Visto que eles abrangem diferentes áreas da cultura, propostas de trabalho diversificadas puderam ser contempladas.



Exposição das fotografias realizadas pelos alunos do projeto Inclusão fotográfica na UFSM/FW. | Foto: arquivo da APAE

A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AOS RECURSOS PÚBLICOS DA CULTURA

Formada em Produção Cênica e atuante na área de gestão cultural, Eloísa Sampaio conta que se interessa pela área artístico-cultural desde muito jovem. Ao se deslocar dos palcos aos bastidores, entendeu que poderia utilizar sua experiência em ambos os lados do cenário atuando na consultoria em gestão cultural.

Na percepção popular, a arte dificilmente é vista como um nicho de mercado rentável, que atrai investimentos financeiros. Dessa forma, o incentivo à cultura realizado pela PNAB fornece recursos para que esse cenário mude.

Para Eloísa, a chegada da política nacional Aldir Blanc a cidades como Frederico Westphalen foi uma porta aberta para a inserção de artistas locais, que anteriormente encontravam maiores adversidades ao concorrerem a recursos disputados com pessoas de grandes centros e com mais tempo de experiência na produção de projetos. Por sua amplitude, a PNAB promoveu uma democratização do acesso a recursos em prol da cultura, podendo assim beneficiar propostas com alcance municipal a nacional, pondera a gestora cultural.

Outras leis importantes para as artes são a Lei Paulo Gustavo, encerrada em 2024, que tinha 50,67% de seu recurso destinado ao setor audiovisual e a porcentagem restante aos demais setores culturais. Além dela, a Lei Rouanet, em vigor desde 1991, possibilita o patrocínio empresarial para projetos aprovados pelo Ministério da Cultura e o recebimento de incentivo fiscal.

MOVIMENTAÇÃO CULTURAL E ECONÔMICA

O professor, escritor, cantor e compositor, Danilo André Gregory, graduado em Pedagogia e pós-gradu-

PROJETOS CONTEMPLADOS - PNAB 2024

CATEGORIA JÚNIOR R\$ 3.000	CATEGORIA SÊNIOR R\$ 6.000	CATEGORIA SÊNIOR R\$ 10.000
1º Lugar: Formação em Gestão de Projetos Culturais. 2º Lugar: Film e Vida Teatro de Rua. 3º Lugar: Sábado Recreativo Gaúcho.	1º Lugar: Versos e Páginas – Bate Papo. 2º Lugar: Capoeira Resgate Cultural Capoeira Oxisse. 3º Lugar: Laboratório de Roteiro. 4º Lugar: História da Construção de Frederico Westphalen.	5º Lugar: Oficina de Teatro e Peça Teatral “V de Vitória”. 6º Lugar: Cuidado em Forma de EnCanto. 7º Lugar: 13o. Recital de Música Toque Cultural. 8º Lugar: Show alusivo ao dia da Umbanda.
		1º Lugar: Onde Estamos, de Onde Viemos. 2º Lugar: Circo Arte. 3º Lugar: Inclusão Fotográfica. 4º Lugar: 2º Novemberfest. 5º Lugar: 1º Canta Frederico.

Projetos contemplados com o recurso da PNAB 2024, em Frederico Westphalen.

ado em Arte e Educação, teve seu projeto Versos e Páginas - Bate Papo Musical contemplado com R\$6.000 no primeiro ciclo de repasses da Política Nacional Aldir Blanc, no ano de 2024. A proposta teve como objetivo a descentralização da cultura, levando-a a locais que possuem menos acesso a ela.

A execução do projeto se deu por meio de um bate-papo musical que buscou cativar o público infantil-juvenil com relação ao hábito da leitura, apresentando a história de seu livro autoral *Linda, a Bruxa*, junto de músicas próprias

de forma lúdica, transformando o ato de ler em um espetáculo. As apresentações ocorreram nas escolas municipais Joaquim Nabuco, Marechal Floriano, Rui Barbosa e Duque de Caxias, localizadas nas zonas urbana e rural de Frederico Westphalen, com alunos do 5º ao 9º ano. Além das escolas, Danilo também realizou o espetáculo na instituição Promenor de Frederico Westphalen, que promove oficinas para formação pessoal e profissional de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Nas duas ocasiões, foram

distribuídos gratuitamente, um total de 318 exemplares do livro.

Projetos como esse possibilitam tanto uma movimentação cultural quanto econômica, pois o envolvimento direto de atores, músicos, arranjadores designers gráficos e produtores, acontece mediante remuneração. A aquisição de materiais para cenário e figurinos também auxilia no fluxo da economia local, juntamente com a contratação de empresas de som e de iluminação para a realização dos eventos, explica Danilo. “Em todos os projetos desenvolvidos, há

a participação direta e indireta da comunidade, seja nos espetáculos com encenações de final de ano, como voluntários, ou na produção de eventos e projetos que fomentam o setor artístico”.

A partir de sua experiência, como melhoria para a lei, Danilo sugere a definição de um percentual do valor a ser inserido na legislação com destino à contratação de colaboradores (como os citados no parágrafo anterior) na execução dos projetos. Para ele, tal ação faria a diferença no compromisso dos agentes culturais com a classe artística.



Danilo André Gregory, de capa preta, à direita, em uma das apresentações de seu projeto, na escola EMEF Rui Barbosa. | Foto: arquivo pessoal



Organizadores e participantes celebram o encerramento do festival | Foto: Luana Eich

QUANDO O INTERIOR VIRA FILME

O 7º Festival de Cinema de Três Passos fomenta o cinema no noroeste gaúcho.

LUÍZA ABREU
LUANA EICH
PEDRO MÜLLER

Existem coisas que nem mesmo uma super câmera de cinema, uma boa equipe técnica e um microfone profissional conseguem capturar. A primeira infância, os encontros de família e, até mesmo, a relação entre irmãos, são algumas delas. Por isso, quando Jonas iniciou a produção do filme que colocaria na tela as diferenças entre ele e seu irmão com Síndrome de Down, sabia que, se quisesse trazer verdade para seu longa, teria que substituir o seu equipamento sofisticado por câmeras mais simples.

O filme documental *Uma em Mil* dirigido por Jonas Rubert e seu irmão caçula Tiago Rubert, parte de uma pergunta muito simples: qual a diferença entre ter e não ter Síndrome de Down? O longa, que foi

idealizado nove anos atrás, atualmente conta com diversos prêmios, como o de melhor direção para ambos os irmãos, roteiro e montagem, no 53º Festival de Cinema de Gramado, e o de melhor filme no 27º Festival do Rio.

Este ano, Três Passos realiza a 7ª edição do seu festival de cinema. O município de 26 mil habitantes, localizado na região noroeste do Rio Grande do Sul, vem promovendo a cultura cinematográfica da região e ampliando a visão de mundo dos espectadores desde 2014, quando a primeira edição do festival aconteceu com a temática Curta Essa História. Em 2025, o festival contemplou o tema Lugar de Memórias e aconteceu nos dias 4 a 8 de novembro, no Cine Globo, com a participação de curtas-metragens na mostra competitiva e não-competitiva e entrada gratuita ao público.

Nesta edição, Jonas Rubert veio para o interior do estado para ser um dos homenageados do festival pela sua trajetória artística e contribuição à identidade e memória do evento. Jonas é natural de Guaíba (RS) e já ofertou diversas oficinas de produção de curtas-metragens em Três Passos.

“O festival de cinema de Três Passos vem como uma oportunidade de novas pessoas exibirem seus filmes, e, também, de mostrar que uma boa história não precisa ser uma produção Hollywoodiana”, reflete a cineasta Valdirene da Rocha Pires, que participa da mostra não competitiva com o curta Temos pão caseiro.

Os filmes que participam do festival são divididos em duas mostras: a competitiva e a não competitiva. A mostra competitiva conta com categorias de ficção, documentário, animação, experimental e estrangeiro. A não competitiva, além das

categorias citadas, tem a participação de produções escolares e da comunidade. O vencedor de cada categoria recebe o Troféu Levy, que homenageia o fundador do Cine Globo, Alberto Abrahão Levy.

Para decidir em qual categoria cada produção se encaixa é feita uma seleção que acontece a partir das inscrições gratuitas efetuadas no site, geralmente abertas a partir da metade do ano. O regulamento e o processo de seleção estão disponíveis no site cinematrespasos.com.br.

O AVANÇO DO CINEMA DO INTERIOR

“Nós temos uma questão histórica, que é a defasagem de salas de cinema. Quando tem, é muito circunscrita a uma elite e a um contexto geográfico, que é o centro. Quando você tem um baixo consumo, tem um baixo estímulo”. Esse é o entendimento do professor da



Número de filmes inscritos por ano no Festival de Cinema de Três Passos desde sua criação (2014) até os dias atuais (2025).

área de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen (UFSM/FW), Joel Felipe Anzolin Guindani, quando questionado sobre cinema no interior do estado. No entanto, ele explica, o consumo e a produção cinematográfica tem se modificado e crescido nas regiões que não fazem parte dos grandes centros urbanos, e um dos motivos para esse avanço é o surgimento da Lei Paulo Gustavo. Segundo o professor, essa é a maior lei de incentivo ao audiovisual que já existiu no Brasil. Foram cerca de 3,8 bilhões de reais em recursos diretos e descentralizados, e praticamente todos os municípios do Rio Grande do Sul o receberam. Frederico Westphalen, cidade de 32 mil habitantes que também se localiza no noroeste do estado, é um exemplo: de 10 a 15 filmes por ano foram produzidos com esse recurso e exibidos em vários lugares. “Antes da Lei Paulo Gustavo, houve um cenário de quase zero produção em Frederico”, afirma.

A lei, que além de incentivar a produção cinematográfica também dá suporte aos festivais, destinou recursos a Três Passos na

edição atual. Porém, nem sempre foi assim. Em 2012, os próprios habitantes, motivados pela proximidade dos 57 anos do Cine Teatro Globo, um raro cinema de calçada que permanece em atividade no RS, e dos 68 anos do município de Três Passos, cogitaram realizar um festival de cinema. Dois anos depois, em 2014, a primeira edição finalmente aconteceu com apoio do Movimento Pró-Arte e da Prefeitura Municipal de Três Passos. “A importância está em possibilitar às pessoas, os jovens, a todo mundo, a experiência da arte. A gente tende, principalmente quem não teve na infância um acesso à arte, ficar reservado a consumir uma arte muito pronta, perde a

possibilidade de usufruir ou de experimentar um modo de expressão da vida. Eu acho que quem experimenta a arte tem uma outra visão de si, de si no mundo. A importância do cinema está primeiramente em proporcionar às pessoas um espaço de expressão do seu ponto de vista, da sua criatividade. Principalmente para ver que também a arte não é a arte do cinema, não é só aquela arte que a gente acha que tem que estar na TV”, reflete o professor Joel.

O CINEMA INDEPENDENTE COMO ESPAÇO DE VOZ E INCLUSÃO

Após a repercussão de seu longa metragem *Uma em Mil*, Jonas reflete sobre a importância do reconhe-

cimento de projetos independentes. “Quando o Thiago levantou o troféu e a gente começou a compartilhar esse momento, muitas pessoas com Síndrome de Down e com outras deficiências começaram a olhar pra isso para entender que elas também podem fazer [filmes]”, conta o cineasta.

O cinema segue servindo de inspiração para aqueles que buscam encontrar um pouco de si mesmos na telona. É o que diz a cineasta Valdirene da Rocha Pires, que descobriu na sétima arte uma chance de contar histórias antes não ouvidas. Nascida em Piraquara, no interior do Paraná, Valdirene iniciou sua jornada no ramo do cinema aos 40 anos, quando participou de uma oficina de criação de roteiro durante a pandemia e percebeu que o cinema poderia se tornar parte de sua vida.

Em sua infância, Valdirene não teve acesso à televisão e tinha que recorrer a vizinhos para conseguir assistir filmes. Mas ela sempre gostou de escrever. Mais tarde, através da necessidade de materializar suas ideias, o cinema entrou em sua vida.

Temos Pão Caseiro, de 2024, foi uma de suas primeiras produções como roteirista. O curta-metragem, originalmente intitulado *LINHAS QUE TESTAM O SABER*, ilustra a história de uma avó analfabeta que aprende a ler e escrever com sua neta. Atualmente, o filme já percorreu vários festivais em diferentes estados e cidades do Brasil, como Bahia e Espírito Santo, e agora chega ao noroeste do Rio Grande do Sul. A diretora destaca a importância do fomento à cultura e de festivais que estão fora das capitais, como o de Três Passos, que servem para dar enfoque à produções que, muitas vezes, passam despercebidas ao olhar do grande público.



Troféus Levy da mostra competitiva. | Foto: Luana Eich

OS IMORTAIS DE FREDERICO WESTPHALEN

A Academia Frederiquense de Letras, composta por 25 membros, reúne escritores e pesquisadores que representam instituições públicas e privadas.

SCHEILA AVILLA



Ophelia Buzatto, que ocupa a 2ª cadeira da Academia Frederiquense de Letras, segura um exemplar de 1988 do caderno do Departamento de Letras da Fundação de Ensino Superior do Alto Uruguai, em Frederico Westphalen | Foto: Scheila Avila

É fim de tarde em Frederico Westphalen, uma cidade com cerca de 32 mil habitantes localizada no noroeste do Rio Grande do Sul. Foi um dia de sol e calor, e como escolhi uma profissão que ama contar histórias, resolvi ir atrás de uma personagem conhecida nas escolas da cidade e da região. Logo que decidi a pauta, pensei:

agora só preciso contatá-la. Não consegui o telefone da minha fonte, mas obtive o seu endereço e, como faziam antigamente, resolvi chegar sem avisar.

Toco a campainha e logo Ophelia aparece, perguntando o que eu preciso. Me apresento como estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Santa

Maria campus Frederico Westphalen (UFSM/FW), explicando que gostaria de ter uma conversa sobre sua trajetória e sobre como Ophelia foi parar na Academia Frederiquense de Letras.

Ela me convida para entrar e sentar em sua sala. A casa é rodeada de um gramado, árvores e alguns vasos com flores. Há alguns

bancos de madeira no jardim. Na sala, vejo um rádio grande e quadrado e um telefone residencial com fio, o que me recorda os filmes de época que tanto amo assistir.

Ophelia Buzatto Paetzold é uma senhora de 87 anos de idade que têm os cabelos brancos. Antes de conversarmos, vai até seu escritório pegar uma pasta com

documentos e jornais. Coloca seus óculos de grau. Quando ela retorna, puxo meu caderno de notas e começamos a falar. Anoto tudo para não perder nenhum detalhe.

Ophelia destaca, já no início da nossa conversa, sua formação, desde a infância até a vida acadêmica. Ressalta que trabalhou em diferentes lugares, como a escola de padres, o colégio agrícola e universidades. Lecionava desde Ciências Físicas e Biológicas, como eram conhecidas na época, até Língua Portuguesa e Francesa.

Ela enfatiza: “Minha mãe foi a primeira professora da Villa Barril, como era conhecida a nossa cidade antigamente. Eu e minha irmã sempre gostávamos de acompanhá-la, e ela sempre deu condições para os filhos estudarem. A leitura e a escrita eram permanentes. Estudávamos muitas vezes em voz alta, numa época em que ainda não existiam gibis”. Ao longo de seus estudos, era curiosa e sempre questionava. Quando podia, ajudava a professora em aula.

Essa é a história de uma dos 25 imortais de Frederico Westphalen. Ophelia ocupa a 2ª das 25 cadeiras que existem na Academia Frederiquense de Letras e também foi escolhida, neste ano, para ser patronesse da 40ª Feira do Livro do município.

ACADEMIAS DE LETRAS

Para entender melhor o que é uma academia de letras vamos começar com a Academia Brasileira de Letras (ABL), uma instituição cultural inaugurada em 20 de julho de 1897 e sediada no Rio de Janeiro, cujo objetivo é o cultivo da língua e da literatura nacional.

AABL tem 40 membros, todos grandes nomes da literatura e da cultura brasileira, chamados de imortais. Essa é uma forma de se referir às suas obras e à memória do autor, que serão eternizadas.

A Academia Frederiquense de Letras (AFL) foi criada a partir de um projeto

de lei, de 2 de maio de 2023, apresentado pela Câmara Municipal de Frederico Westphalen. A instituição, sem fins lucrativos, foi oficializada pela Lei Municipal nº 5.105/2023.

Em entrevista ao Jornal O Alto Uruguai, no dia 05 de maio de 2023, o vereador Antônio Luiz Pinheiro, autor do projeto, ressaltou que Frederico Westphalen é um polo geoeeducacional do Médio Alto Uruguai, abrigando diversas universidades e com numerosos escritores com obras publicadas em revistas e editoras de alcance nacional. Segundo o autor, esses profissionais, além de serem pessoas de grande conhecimento, podem contribuir significativamente para preservar e valorizar a cultura local, o uso qualificado da língua portuguesa e o aprimoramento da educação.

O vereador destacou ainda que, com a criação da AFL, membros de notório saber seriam escolhidos por um colegiado, contribuindo para o fortalecimento da vida intelectual e cultural do município, com ideias e iniciativas que consolidem Frederico Westphalen como referência regional na área das Letras.

Dois anos após sua criação, a Academia Frederiquense de Letras está constituída por profissionais que têm longa trajetória como professores e escritores. Como requisito para entrar na academia é preciso ser convidado pelos atuais membros, ter publicações de livros ou artigos científicos com reconhecimento na área e residir em Frederico Westphalen. Após a entrada do membro ele ocupará a cadeira até o fim da vida se atender a todas as regras estabelecidas pelo estatuto.

Outra imortal da Academia Frederiquense de Letras é a professora Márcia Vanzin Boabaid, com quem também tive a oportunidade de conversar para esta reportagem. Ao longo de sua trajetória, Márcia lecionou



Márcia Boabaid que ocupa a 22ª cadeira da Academia Frederiquense de Letras, lançou o livro Palavras Borradas de Rimel na 40ª Feira do Livro em Frederico Westphalen | Foto: Scheila Avila

em escolas municipais, estaduais e particulares, ministrando disciplinas como Língua Portuguesa, Redação e Didática da Linguagem. Atualmente, segue compartilhando seu conhecimento como professora de Língua Portuguesa nos cursos de

Jornalismo e Relações Públicas. Ela ocupa a 22ª cadeira da Academia Frederiquense de Letras.

Na terceira noite da 40ª Feira do Livro, Márcia lançou seu novo livro. Ao fundo, o telão exibiu a capa da obra em tons de amarelo



Cercada por livros e memórias, Ophelia Paetzold relê um trecho de sua dissertação de mestrado intitulada ‘Cidade Educadora’, defendida em 2006 na Unisinos. O trabalho reflete sua visão sobre o papel transformador da educação nas comunidades e reafirma sua trajetória ao ensino e à formação por meio da leitura e da escrita | Foto: Scheila Avila

e preto. Ao lado da escritora, duas integrantes da Academia Frederiquense de Letras: as professoras Elisabete Cerutti e Ophelia Buzatto. A obra é composta por 45 crônicas que retratam sentimentos, lembranças e reflexões sobre o cotidiano. Ao falar sobre o livro no palco, a escritora se emocionou e compartilhou o processo de criação da obra, que retrata as reflexões da vida diária. Segundo ela, mesmo em tempos de inteligência artificial, a leitura continuará a tocar os seres humanos por meio da linguagem.

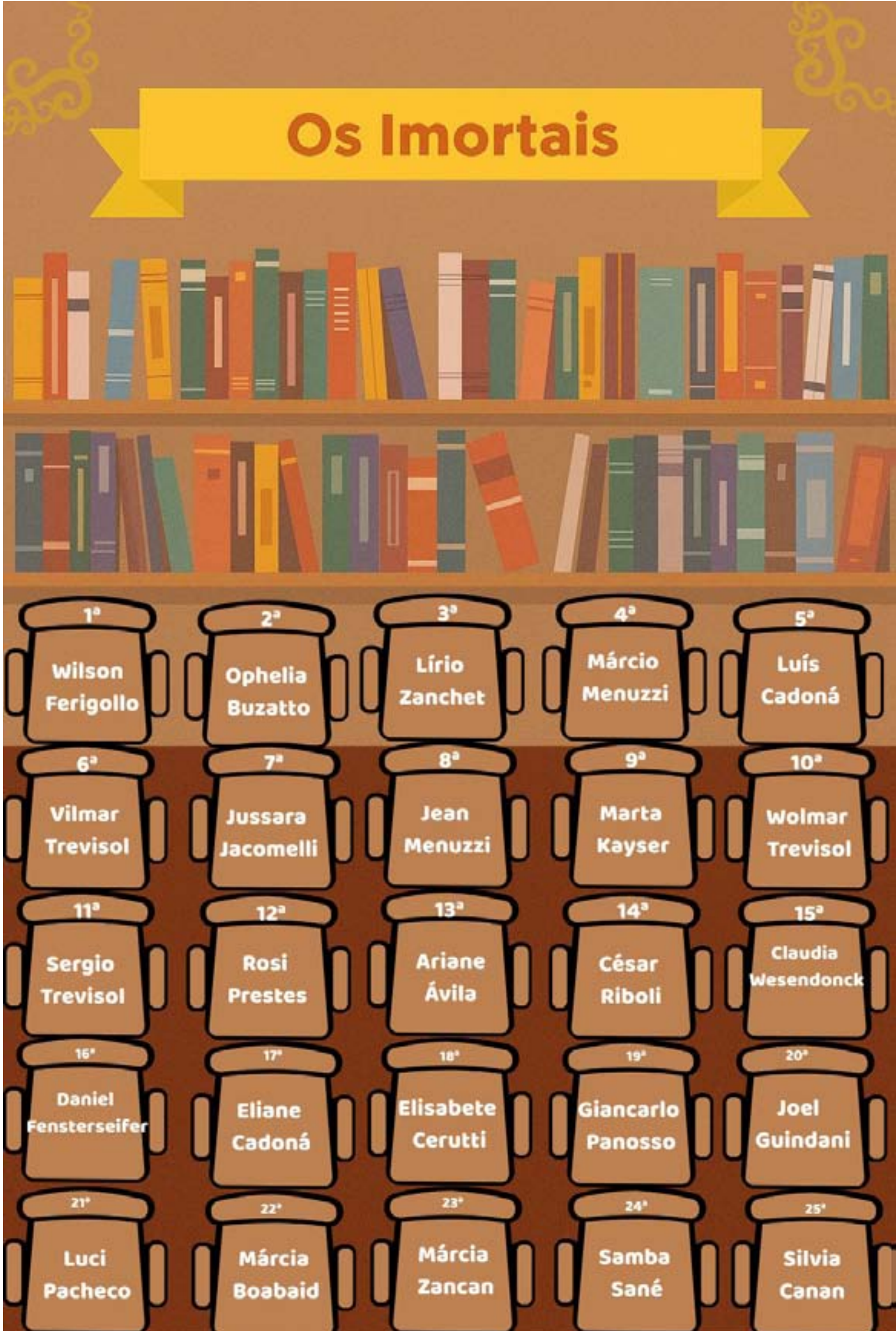
Em uma entrevista, Márcia me relatou que “Cada texto é um recorte da vida, às vezes leve, outras intenso, que fala de amor, perda, recomeços e das pequenas belezas que nos cercam. O título simboliza a mistura entre força e vulnerabilidade, mostrando que até nas lágrimas há poesia. Lançar essa obra na Feira do Livro foi um momento muito especial, pois pude compartilhar com o público um trabalho construído com muita sinceridade e emoção, e sentir de perto o impacto que as palavras podem causar nas pessoas”.

Segundo o estatuto da academia, os membros terão a responsabilidade de preservar e valorizar a língua portuguesa e sua literatura, dedicando-se ao estudo detalhado do idioma e das obras literárias. Além disso, caberá a eles promover a produção de livros, contribuir com sugestões para aprimorar a qualidade do ensino e atuar na divulgação e fortalecimento da cultura.

PROJETO FREDLEITURA.

Sempre percebi que a leitura e os livros faziam toda a diferença na minha vida. Cada história que leio me ensina algo novo, me faz refletir e me ajuda a entender melhor o mundo. Ler é uma forma de aprender, imaginar e crescer. Por isso, acredito que o hábito da leitura é um dos maiores presentes que podemos dar a nós mesmos.

A atual presidente da Academia de Letras de Frederico Westphalen,



Os membros das 25 cadeiras da Academia Frederiquense de Letras.

professora Elisabete Cerutti, em uma entrevista no dia 09 de outubro de 2025 para o Complexo Luz e Alegria, destacou que a Academia deve contribuir com a comunidade frederiquense e não pode ficar encastelada, como acontece em outras academias mais clássicas, que são fechadas para discussões só entre os membros.

A presidente da academia salienta: “Hoje em dia estão chegando nas

escolas crianças que não têm foco e por conta disso não conseguem aprender a se concentrar. E os jovens têm ficado ansiosos”. Neste ano, a Academia Frederiquense de Letras, iniciou o projeto Fredleitura - Ler em família, cultivando sementes de esperança para formar grandes leitores. O objetivo é incentivar pais e filhos a dedicarem pelo menos dez minutos diários à leitura compartilhada,

tornando esse momento uma experiência prazerosa e significativa. O projeto busca ampliar o contato das crianças com diferentes gêneros textuais, valorizar a leitura como prática social e cultural e fortalecer os laços familiares por meio do hábito de ler juntos. A metodologia envolve diversas formas de leitura, registro das experiências e trocas de livros, incentivando a formação de leitores autônomos e críticos.

Saúde e Esporte

ÓRGÃO OU MÁQUINA?

Saiba mais sobre hemodiálise no Rio Grande do Sul

MAGALI GRAZIELI VOLTZ

Você já se perguntou como está o seu rim? A maioria das pessoas conhece seu funcionamento. Mas se ele parasse de funcionar?

Jéssica Borges, enfermeira nefrologista do centro de hemodiálise do Hospital Divina Providência de Frederico Westphalen, cidade com cerca de 32 mil habitantes no noroeste do Rio Grande do Sul, relata que o rim de pacientes com problemas renais funciona apenas três dias na semana, durante quatro horas, enquanto um rim saudável funciona 24 horas, sete dias por semana.

Um rim com problemas precisará realizar hemodiálise, que é um tipo de diálise. Esse processo consiste em realizar a remoção do sangue do paciente, que, então, é filtrado por uma máquina chamada dializador (rim artificial). Após separado das impurezas, o sangue limpo é devolvido para o corpo. A hemodiálise é realizada de três a quatro vezes por semana, durante, em média, quatro horas. Mas e se não houver luz ou transporte para realizar a hemodiálise? Nesse caso, o rim mecânico não trabalha e o corpo humano sente as consequências. Para muitos essa é a realidade: viver sem o funcionamento do rim, na dependência de uma máquina.

Essa dependência afeta todos os aspectos da vida do indivíduo em tratamento. Jéssica explica que os pacientes recebem orientação para ingerir apenas um litro de água durante o intervalo entre uma sessão de hemodiálise e outra. Isso porque muitos não conseguem

urinar e, em consequência, retêm o líquido, levando ao inchaço do corpo e a outros agravantes.

“Tem pacientes que chegam aqui com edema agudo de pulmão, porque a água [que não se transforma em urina] vai para o pulmão, não conseguem respirar”.

O tratamento e o transporte dos pacientes são custeados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), por meio das secretarias municipais. Cada sessão de hemodiálise recebe do SUS R\$240,97, embora o custo real estimado varie entre R\$343 e R\$393, segundo a Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN) e a Associação Brasileira dos Centros de Diálise e Transplante (ABCDT). Para apoiar o deslocamento até os serviços de saúde, a Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul (SES/RS) anunciou em 2024 o repasse de R\$12,6 milhões a 488 municípios para o transporte de pacientes em hemodiálise.

A realidade de cada paciente pode, porém, dificultar o tratamento. Questões externas à doença renal afetam a condição emocional de cada indivíduo. A equipe de hemodiálise do Hospital Divina Providência é ampliada para atender demandas externas ao tratamento, como, por exemplo, problemas familiares, dificuldades financeiras e questões pessoais de cada paciente ou acompanhante.

Apresentada a mim como “equipe multi”, o grupo é composto, por enfermeiros, nutricionista, psicólogo e assistente social. Além dos profissionais, a doação

de uma cesta básica por mês - a qual é custeada por um voluntário - vem para amparar os pacientes necessitados.

Desde 2006, o centro de hemodiálise atua em Frederico Westphalen atendendo a 27 municípios da região.

Inicialmente, a capacidade era de 65 vagas, porém atualmente, esse número já atingiu 99 pacientes, ultrapassando o seu limite.

Em vista da necessidade de mais espaço, está em andamento a ampliação do centro, com finalização prevista para janeiro de 2026.

CENTROS DE HEMODIÁLISE NO NOROESTE GAÚCHO

Hoje, no noroeste do Rio Grande do Sul, há quatro centros de hemodiálise. Além de Frederico Westphalen, os municípios de Ijuí (84 mil habitantes), Santa



Dializador no Hospital Divina Providência. | Foto: Magali Grazieli



Equipe de enfermagem do centro de hemodiálise do Hospital Divina Providência. | Foto: Magali Grazieli

Rosa (79 mil) e Santo Ângelo (79 mil) também ofertam essa demanda. Desde 2022, o quinto centro da região vem sendo construído em Três Passos (26 mil habitantes.) em conjunto com a coordenação do Hospital de Caridade e os governos municipal e estadual.

Leila Bender, coordenadora do Hospital de Caridade Três Passos, observou, durante 15 anos de sua trajetória profissional, diversas gestões que tentaram implementar um centro de hemodiálise terceirizado no município, o que nunca ocorreu.

A partir da verba de R\$5,8 milhões recebida do programa do governo gaúcho Avançar, da contrapartida de R\$ 1,158 milhão do Hospital de Caridade e do investimento de R\$1 milhão do caixa municipal, contemplou-se a obra de construção civil, a climatização, o elevador, a instalação elétrica, o telhado e os gases medicinais, como tanques de oxigênio.

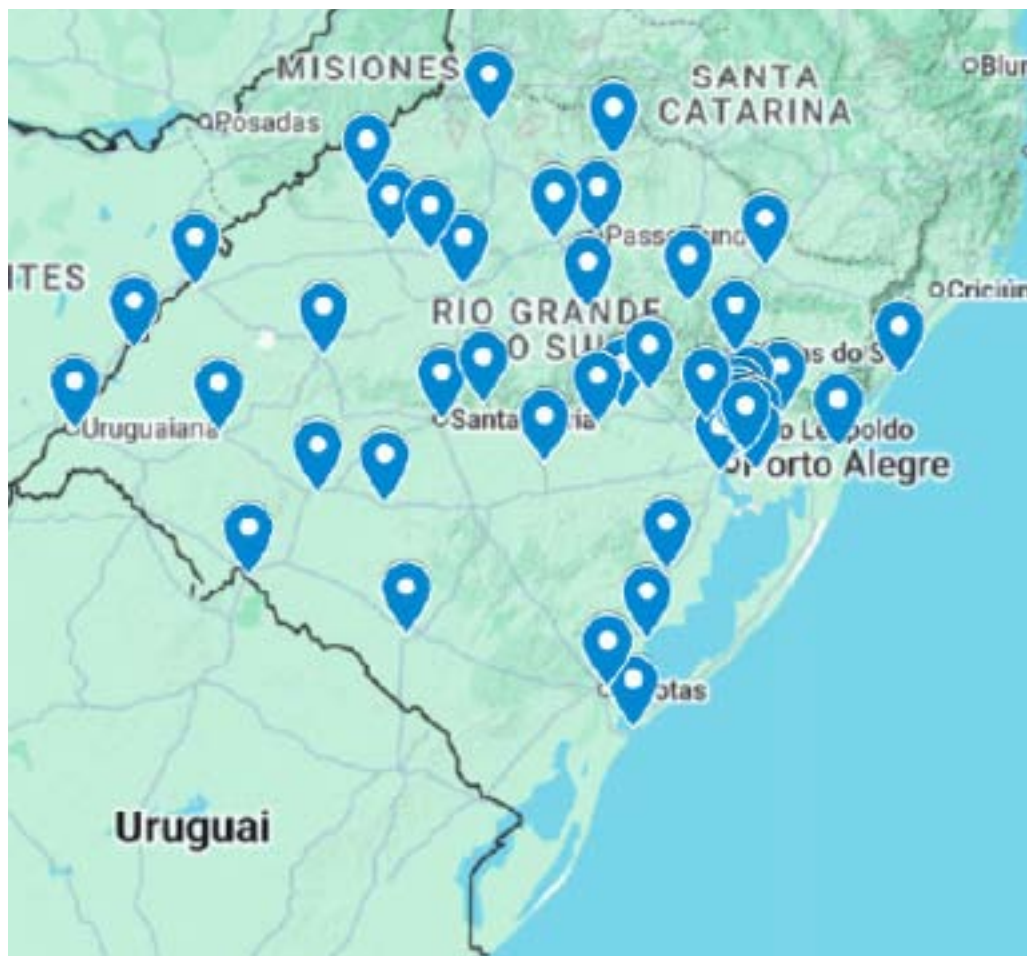
Conforme Leila, os trabalhos de construção precisaram ser paralisados após alguns meses para a mudança da central de oxigênio, serviço executado por

especialistas terceirizados devido à sua complexidade. Foram feitos ajustes arquitetônicos para adequar o espaço aos equipamentos, e, segundo Leila, o avanço da obra só tem sido possível graças às reuniões semanais entre os setores, que garantem um alinhamento contínuo.

Recentemente, foi repassado ao hospital um novo valor de R\$2,4 milhões, que será usado para

serviços complementares, como tratamento da água (osmose) e uma nova subestação de energia. Com o investimento inicial mais o novo, a obra atingiu 8,2 milhões de reais recebidos do governo do estado.

A entrega está prevista para dezembro de 2025. A partir disso, o governo estadual inicia o processo de credenciamento do quinto centro de hemodiálise do noroeste gaúcho.



Mapa de centros de hemodiálise no RS. | Fonte: Secretária Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES)

NO RIO GRANDE DO SUL

Segundo a Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul (SES/RS) e a Secretaria Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), estão habilitados em todo o estado 90 centros voltados à hemodiálise. Essas instituições se localizam em maior número na região metropolitana, com 46 centros, refletindo a maior concentração de pessoas nessa região.

No interior do estado, esse número diminui. A região nordeste comporta 14 unidades, enquanto a centro ocidental e a oriental possuem cinco centros cada. As regiões noroeste, sudoeste e sudeste concentram quatro clínicas de hemodiálise cada uma.

A quantidade insuficiente de clínicas muitas vezes implica um desafio logístico, físico e mental para o tratamento contínuo. Da mesma maneira que o corpo depende do rim, também muitos pacientes dependem de uma máquina financiada por recursos públicos. Cada centro de hemodiálise concluído é a esperança de quem já não pode mais contar com o próprio órgão.

PASSOS QUE TRANSFORMAM

Corrida rústica pela saúde de Frederico Westphalen revela crescimento da modalidade ao contar com mais de 300 atletas inscritos

GUILHERME XAVIER
WELITOM VARGAS

A corrida rústica tem raízes profundas na história esportiva brasileira. Muito antes de se popularizar nas pequenas cidades do interior, já fazia parte das tradições atléticas nacionais, unindo esporte, superação e comunidade. O termo “rústica” passou a ser usado para designar provas realizadas em ruas, estradas e terrenos variados, uma forma de democratizar o atletismo, até então restrito às pistas profissionais.

Os primeiros eventos do gênero surgiram no início do século 20, acompanhando o crescimento das corridas de rua pelo mundo. No Brasil, o marco mais simbólico dessa cultura é a Corrida Internacional de São Silvestre, criada em 1925, em São Paulo. A prova, que ocorre anualmente na virada do ano, tornou-se referência e inspiração para centenas de outras corridas pelo país, de acordo com estudo publicado na revista Projeto História.

Desde então, competições como a Volta da Pampulha (em Belo Horizonte, Minas Gerais), a Maratona do Rio de Janeiro (na cidade do Rio de Janeiro) e a Corrida do Sesc (em diversas cidades gaúchas) consolidaram a paixão pela corrida de rua ou corrida rústica. Essa expansão nacional criou oportunidades para o desenvolvimento do esporte em municípios menores, onde a corrida passou a ter um papel que vai além da prática física: tornou-se uma forma de reunir pessoas, incentivar hábitos saudáveis e movimentar a economia local.

É nesse cenário que Frederico Westphalen, cidade do noroeste gaúcho com



Corredores se preparam para a largada da corrida organizada pelo Sesc/Fecomércio-RS, realizada na cidade de Pinhal, cidade de 2.600 habitantes no noroeste gaúcho, no dia 31 de agosto de 2025. | Foto: Divulgação SESC

mais de 32 mil habitantes, entra em destaque. Segundo Edemundo Kraus, técnico de esporte e lazer do SESC, a cidade vive um crescimento expressivo na modalidade, impulsionado pela busca por qualidade de vida, pela

força das comunidades locais e pela profissionalização dos eventos.

UMA NOVA CULTURA DE CORRIDA

O que começou como um movimento tímido, com



Thais em ação na Corrida rústica pela saúde em Frederico Westphalen no dia 17 de agosto de 2025. O evento reuniu atletas de várias regiões. | Foto: Divulgação

poucos participantes e eventos esporádicos, hoje se consolidou como uma comunidade em expansão. De acordo com Thais Piovesan, de 33 anos, advogada, corredora e membro da Associação de Corredores de Frederico Westphalen, o crescimento é visível: “Tem prova praticamente toda semana. Antes de 2018, era raro ouvir falar em corridas aqui. Agora, as inscrições se esgotam em poucos dias”. Ela começou a correr por incentivo do namorado e rapidamente se apaixonou pelo esporte. “Eu achava que corrida não era pra mim. Mas quando participei da minha primeira prova e senti aquela energia, não quis parar mais”, conta. Hoje, ela compete em eventos regionais e até em meias-maratonas fora do estado, representando o interior gaúcho em grandes competições.

DA RUA AO PÓDIO: O IMPACTO LOCAL

Os eventos têm atraído atletas de diversas cidades do estado e mobilizado a região. “Hoje, há corridas organizadas por prefeituras, escolas, academias e até empresas privadas”, explica Edemundo, praticante e organizador das corridas do Sesc em Frederico Westphalen.

Segundo ele, a corrida natalina do Sesc, que começou em 2015 com apenas meia dúzia de inscritos, já reúne cerca de 300 a 350 corredores por edição. “O crescimento é impressionante. No último ano, dobramos o número de corridas na região e passamos a usar chip eletrônico para cronometragem, algo comum apenas em eventos maiores”, afirma.

Entre os motivos que explicam a popularização

da corrida rústica, a acessibilidade é o principal. “É um esporte barato. Você pode começar com o tênis que tem, correndo na rua do bairro. Depois, se quiser, vai investindo mais”, diz Thaís. Edemundo reforça essa visão: “É um esporte de fácil acesso. Basta uma roupa confortável e vontade. Temos participantes de 14 a 80 anos. É bonito ver esse público diverso compartilhando o mesmo espaço”.

CENÁRIO ATUAL NA REGIÃO

Hoje, as provas da região atraem a Frederico Westphalen participantes de cidades vizinhas, fortalecendo o circuito esportivo do noroeste gaúcho. Os percursos costumam variar entre 3 km, 5 km e 10 km, com categorias masculina e feminina divididas por faixa etária. As categorias mais visadas são as de 25 a 35 anos, além de provas infantis e caminhadas curtas. As inscrições custam, em média, de R\$ 40 a R\$ 60, com descontos para associados do Sesc e incentivo à doação de alimentos. Já as premiações chegam a R\$ 600, além de troféus, medalhas e brindes oferecidos por empresas parceiras locais.

As corridas são realizadas tanto em áreas urbanas quanto em estradas rurais, o que reforça o caráter “rústico” da modalidade. Todos os eventos contam com apoio médico, ambulância de plantão e pontos de hidratação, garantindo a segurança dos corredores. Quando alguém se sente cansado ou passa mal, há equipes de apoio e voluntários prontos para prestar atendimento. A crescente procura de atletas da elite por essa modalidade tem elevado o nível técnico das provas e inspirado novos corredores.

MAIS DO QUE UM ESPORTE

O fenômeno das corridas rústicas em Frederico Westphalen vai além das pistas. Ele movimenta a economia, cria laços entre as pessoas e desperta



Corredores largam em prova promovida pelo Sesc Frederico Westphalen, reunindo atletas da cidade de Novo Tiradentes (município em Rio Grande do Sul com cerca de 2.190 habitantes), localizada na microrregião de Frederico Westphalen, no Médio Alto Uruguai. | Foto: Divulgação SESC

o espírito coletivo. A associação local, fundada há pouco mais de um ano, já soma cerca de 100 associados. “É bonito ver as pessoas se unindo por algo que fazem bem. A corrida virou parte da identidade da cidade”, conclui Thaís.

A corrida também tem transformado vidas. Thaís conta que, além da melhoria física, a prática impactou sua confiança e disciplina. “Correr te ensina a controlar a mente. Quando você quer

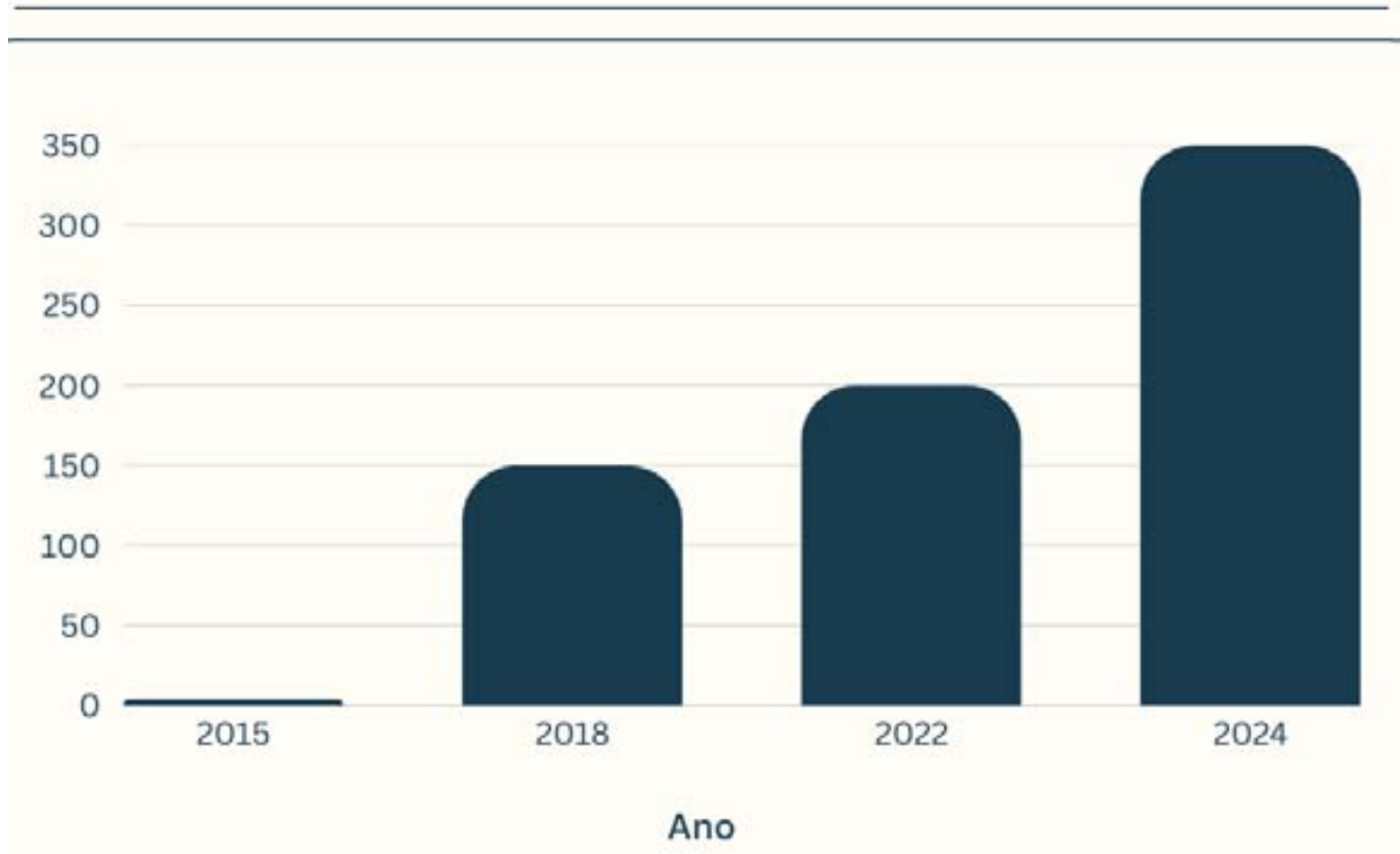
parar, é ali que aprende a persistir. Isso se reflete em tudo na vida”.

Enquanto novas edições são anunciadas e o calendário regional se fortalece, o futuro da modalidade parece promissor. Os eventos de corrida rústica na região seguem aumentando. Este ano, o Sesc praticamente dobrou o número de provas, chegando a dezesseis eventos, e ainda há etapas previstas em Caiçara, Seberi e Jaboticaba

antes da tradicional Rústica Natalina de Frederico Westphalen, no dia 7 de dezembro.

Para 2026, já existem seis a sete corridas pré-agendadas, algumas com propostas novas, como cursos trail e provas com obstáculos. Com mais participantes, mais cidades envolvidas e maior profissionalização, a modalidade mostra que veio para ficar e que ainda tem muito espaço para crescer.

CRESCIMENTO DAS CORRIDAS RÚSTICAS EM FREDERICO WESTPHALEN



Crescimento no número de inscritos nas corridas rústicas do Sesc de Frederico Westphalen nos últimos 10 anos | Fonte: Edemundo Kraus, organizador do Sesc Frederico Westphalen (2025).

Campo e meio ambiente

WETLANDS CONSTRUÍDOS: UMA ALTERNATIVA DE SANEAMENTO SUSTENTÁVEL

Com tecnologias que imitam processos naturais, o projeto desenvolvido no campus da UFSM em Frederico Westphalen transforma o tratamento de esgoto, unindo pesquisa, extensão e cuidado ambiental

GABRIELLY MENEZES DA SILVA
MATEUS EDUARDO MARCHIORO

Atrás da Casa do Estudante, no campus da Universidade Federal de Santa Maria em Frederico Westphalen (UFSM-FW), um projeto silencioso vem transformando a forma de pensar o tratamento de esgoto. Os chamados wetlands construídos, sistemas que reproduzem processos naturais de purificação da água, funcionam como um laboratório a céu aberto, unindo pesquisa e inovação tecnológica. O experimento, desenvolvido por estudantes e pesquisadores do curso de Engenharia Ambiental e Sanitária, mostra como é possível aliar ciência e sustentabilidade dentro da própria universidade.

COMO FUNCIONA UM WETLAND CONSTRUÍDO

Os wetlands construídos (zonas úmidas construídas, em tradução livre do inglês) são soluções baseadas na

natureza para o tratamento de efluentes, que combinam três elementos principais: materiais filtrantes, plantas e microrganismos, os quais trabalham juntos para purificar a água de forma natural. O material filtrante, neste caso a brita e a areia, funciona como suporte físico, retendo partículas e criando ambientes favoráveis para os microrganismos, que realizam a maior parte do tratamento, atuando na decomposição da matéria orgânica e da transformação de nutrientes, incluindo o nitrogênio.

Em contrapartida, as estações de tratamento convencionais, conhecidas como “estruturas cinzas”, utilizam processos mecânicos, químicos e biológicos em tanques e reatores para remover impurezas da água. Embora sejam eficientes, esses sistemas costumam demandar alto consumo de energia elétrica, uso de produtos químicos e manutenção constante, além de exigirem

investimentos maiores em infraestrutura.

No caso das wetlands, as plantas da superfície do sistema absorvem nutrientes, ajudam a oxigenar o sistema e fornecem abrigo para microrganismos benéficos. “Essas tecnologias imitam processos que ocorrem naturalmente, removendo poluentes de forma eficiente, sem a necessidade de produtos químicos e com baixo consumo de energia”, explica Gabriela Anzanello, doutoranda em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental pelo Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Ciência e Tecnologia Ambiental na UFSM-FW. Durante o mestrado, ela trabalhou com a Estação de Tratamento de Esgoto da Casa do Estudante (ETE CEU).

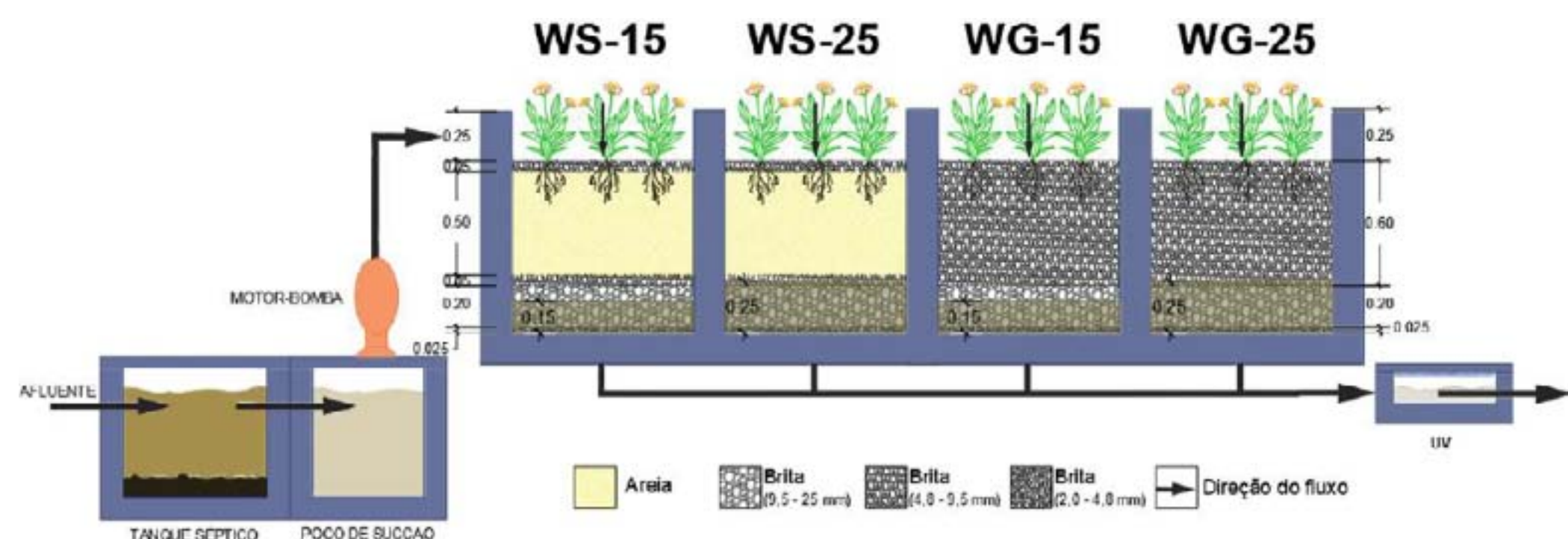
O sistema funciona como um filtro natural: o esgoto passa pelas camadas do leito, onde as raízes

das plantas absorvem a água e os resíduos mais pesados ficam no fundo. As áreas do leito alternam entre mais úmidas e mais secas, o que melhora a filtragem e permite remover diferentes compostos mesmo quando a qualidade do esgoto varia. Além disso, a estação exige pouca manutenção e baixo custo operacional, necessitando apenas de cuidados periódicos com as plantas e resíduos acumulados.

Outro benefício importante é o impacto ambiental positivo. “Ao substituir ou complementar estações convencionais, as chamadas estruturas cinzas, por sistemas baseados na natureza (SbN) estruturas verdes, ganha-se no aspecto da biodiversidade, proteção dos corpos hídricos, resiliência climática e ampliação do potencial de reúso da água tratada”, explica Gabriela.



Sistema de Wetlands Construídos instalados no campus da UFSM/FW; ao fundo, a Casa do Estudante. Foto: Gabrielly Menezes



Planta da Estação de Tratamento de Esgoto da Casa do Estudante da UFSM-FW (ETE CEU), mostrando o sistema de tratamento de efluentes com tanque séptico, poço de sucção, motor-bomba, unidades de wetlands (WS-15, WS-25, WG-15 e WG-25) com diferentes substratos e etapa final de desinfecção por UV.

PESQUISA APLICADA NA PRÁTICA

A eficiência dos sistemas baseados na natureza também é tema de pesquisa dentro da universidade. É neste contexto que entra o trabalho de Anderson Manfio Fontana, aluno de Engenharia Ambiental e Sanitária da UFSM-FW. Ele explica que o trabalho começa com as coletas de campo. “Primeiro realizamos medições de parâmetros como temperatura, pH, condutividade elétrica, oxigênio dissolvido e sólidos suspensos totais. Depois, as amostras seguem para o laboratório, onde fazemos análises físico-químicas mais detalhadas”, comenta.

Segundo ele, o sistema permite observar como diferentes materiais influenciam na eficiência do tratamento. “Cada material tem um comportamento próprio, além dos níveis distintos de saturação. Isso ajuda a entender como ocorre a remoção de carga orgânica e compostos nitrogenados, por exemplo”, explica o estudante.

A professora responsável pelo projeto, Samara Terezinha Decezaro, indica que a implantação dos wetlands construídos no campus da UFSM-FW surgiu de uma necessidade prática. “O antigo sistema de fossa-filtro e infiltração não atendia mais adequadamente. O solo estava saturado e o esgoto começou

a apresentar escoamento superficial, com risco de contaminação ambiental”, afirma. Ela destaca que o novo sistema foi pensado para atender à demanda da Casa do Estudante e, ao mesmo tempo, para servir de base para estudos dentro da universidade.

De acordo com a professora, o projeto envolve alunos da Engenharia Ambiental e Sanitária em diferentes etapas, desde o acompanhamento do funcionamento do sistema até a realização de análises em laboratório. O sistema se tornou uma ferramenta de aprendizado, na qual os estudantes podem observar processos reais de tratamento de efluentes e compreender como tecnologias sustentáveis funcionam na prática.



Estrutura dos wetlands construídos no campus da UFSM-FW, onde alunos e pesquisadores de diferentes áreas realizam pesquisas e atividades de campo. Foto: Gabrielly Menezes

CIÊNCIA E INOVAÇÃO

Gabriela, que acompanha o projeto da ETE CEU através do doutorado, destaca o potencial transformador da pesquisa. “Estamos trabalhando com tecnologias SbN, com elevado potencial para a universalização do saneamento no Brasil, com baixo custo e alta eficiência, que podem ser aplicadas em contextos urbanos e rurais, ou comunidades isoladas, por exemplo”, argumenta.

A iniciativa também contribui para metas ambientais globais, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, estabelecidos pelas Nações Unidas. Em especial, o ODS 6 — Água Potável e Saneamento, que busca garantir acesso universal e seguro à água e ao saneamento. No

Brasil, o Ministério do Meio Ambiente representa oficialmente os ODS e acompanha sua implementação no país.

Projetos semelhantes vêm sendo desenvolvidos em outras universidades brasileiras, como na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade Federal do Paraná (UFPR). No cenário brasileiro, segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS, 2023), cerca de 84,5% dos brasileiros têm acesso à rede de água, mas apenas 56% contam com coleta e tratamento de esgoto. Estes dados reforçam a importância de alternativas como os wetlands construídos para ampliar o acesso ao saneamento de forma eficiente e ambientalmente responsável.

“AS ALTAS E BAIXAS DE COMO A GENTE VIVE”

As trajetórias de Claudio e Leandro mostram como os incentivos técnicos e financeiros da Emater fortalecem a produção leiteira

LUÍS KLAFKE
MATEUS SCHERER

Em meio às estradas de chão e o verde das lavouras da linha São João do Porto, a 14 quilômetros do centro de Frederico Westphalen, um município da região noroeste do Rio Grande do Sul com população de aproximadamente 32 mil pessoas, vive uma família que sempre encontrou na terra e no trabalho o seu sustento. No início dos anos 2000, dedicada principalmente ao cultivo do feijão, a família começou a enfrentar períodos de instabilidade financeira e decidiu buscar novas alternativas de renda. Foi então que João Carlos Bisolo e seus familiares apostaram na produção leiteira, enxergando nela uma chance de crescimento e estabilidade.

Hoje, quem gerencia a propriedade é o filho, Claudio Luis Bisolo, que conta como a atividade, iniciada com apenas dez vacas e uma produção mensal entre 1.000 e 1.500 litros, se transformou em um negócio que chega atualmente entre 20 e 25 mil litros de leite por mês.

Antes disso, no início do trabalho com o leite, nem tudo foi alegria. Diante das dificuldades da família, o filho Claudio buscou conhecimentos, estudou e implementou melhorias na produção. Ainda assim, não havia incentivo financeiro suficiente para esse avanço desejado. Nesse momento, ele teve que fazer uma escolha: permanecer trabalhando com seus pais ou buscar novas fontes de renda. “Chegou num determinado momento que a gente percebeu que aquilo não estava sendo uma atividade viável pra gente poder crescer na propriedade e ter as nossas próprias coisas, foi como eu saí de casa”, relata. Claudio

foi trabalhar em um posto de combustíveis e, logo após, em uma empresa de pavimentação e britagem.

Sobre a evasão rural, Leandro Garafini, morador da linha Gramado em Sagra da Família, localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, com população, segundo o IBGE, de cerca de 2 mil pessoas, também produtor de leite e que, assim como Claudio, começou na agricultura com os pais, conta que a linha — nome usado com mesmo sentido de bairro para referenciar comunidades do meio rural — onde nasceu e vive, tinha mais moradores no passado do que possui atualmente. “Normalmente, estão arrendando as terras e indo morar na cidade”, comenta Leandro, que hoje gerencia sua própria produção ao lado da esposa e do filho.

Após oito anos longe da atividade da família, Claudio percebeu que a agricultura na região começava a se expandir e que os incentivos técnicos e financeiros estavam melhorando, abrindo a possibilidade de retornar a fazer o que mais gostava, trabalhar com



Mateus Stefanello, engenheiro agrônomo e chefe do escritório municipal da Emater mostrando fotos de produtores rurais ao longo dos anos. Foto: Luis Klafke.

a produção leiteira. Nesse período, a família passou a contar com o apoio da Emater em sua propriedade, dando início a uma parceria que impulsionou a atividade. Quando ele retornou, a produção era de sete a dez mil litros por mês. Atualmente, com o auxílio técnico, é de 20 a 25 mil litros. “Eles estavam procurando algumas famílias para atender e eu fui o feliz de receber essa visita deles e receber essa proposta”, relata Claudio.

O projeto que possibilitou o avanço na propriedade

de Claudio foi o Programa de Gestão Sustentável da Agricultura Familiar, criado em 2016, com o objetivo de promover a gestão e a adequação socioeconômica e ambiental das propriedades rurais familiares. Mateus Stefanello, Engenheiro Agrônomo e chefe do escritório municipal da Emater em Frederico Westphalen, conta que quando Claudio ficou sabendo da possibilidade, entrou em contato com a equipe para iniciar uma parceria.

Assim como no caso de Claudio, a Emater também



Leandro Garafini em frente ao seu rebanho de vacas leiteiras. Foto: Luis Klafke.

passou a prestar auxílios na propriedade de Leandro Garafini. O produtor comenta que através da instituição e de suas orientações técnicas e financeiras, foi possível aumentar o número de animais e adquirir equipamentos melhores, como o caso de um resfriador de leite maior, possibilitando a um aumento de sua produção.

EMATER

Com o objetivo de atuar junto ao agricultor e desenvolver a agricultura familiar, em 2 de junho de 1955 foi fundada a Associação Sulista de Crédito e Assistência Rural (Ascar). Ao longo dos anos, a Fundação Ascar, hoje chamada de Emater/RS-Ascar, incorporou novos valores e conceitos modernos exigidos pelo agronegócio.

A instituição opera atualmente por meio de 12 sedes regionais com um contingente superior a 250 mil famílias assistidas em mais de 480 municípios do Rio Grande do Sul, contando com a parceria do governo do estado, prefeituras e entidades da sociedade civil. Na região noroeste do estado, a sede regional se encontra no município de Frederico Westphalen, a qual em 2025, completou 12 anos e é responsável por 45 unidades operacionais. No entanto, como sede local, a Emater em Frederico celebrou 66 anos de operação no dia 18 de agosto.

Ao longo dessas décadas, a instituição vem prestando assistência técnica e extensão rural para quem produz alimentos. Entre as atividades desenvolvidas estão a capacitação de agricultores e jovens rurais, bem como a instalação de saneamento básico como instrumento de saúde pública, ações que promovem a proteção da população rural e a preservação do meio ambiente.

O chefe do escritório municipal da Emater Mateus Stefanello conta: “A Emater tem contribuído com orientação nas propriedades, gerando mais conhecimento dos produtores e tecnificação dos mesmos em todos os processos, desde a melhoria dos solos



Cláudio Bisolo e a esposa em frente à propriedade gerenciada pelo casal, em Frederico Westphalen. | Foto: Luis Klafke.

para produção de forragem, até na elaboração de dietas dos rebanhos, bem como questões sanitárias, reprodutivas, entre outras.”

LEITE NO ESTADO

Segundo dados divulgados pela Emater no Relatório socioeconômico da cadeia produtiva do leite no Rio Grande do Sul em 2025, o rebanho leiteiro apresentou uma redução considerável em relação ao relatório de 2023, totalizando 27.234 vacas leiteiras a menos. Porém, o número de animais por propriedade vem aumentando nos últimos dez anos. Em 2015, quando a Emater iniciou a divulgação do relatório, o número médio de vacas por propriedade era de 13,95, já em 2025, esse número subiu para 25,65 animais.

Leandro e Claudio iniciaram na atividade leiteira, no início dos anos 2000, com seis vacas produzindo 11,11 litros/vacas/dia e dez animais produzindo 5 litros/vacas/dia, respectivamente. Hoje, com o

auxílio da Emater, Leandro produz em média 20 litros/vaca/dia e Claudio 19 litros/vaca/dia.

De acordo com dados da Emater, a média de litros produzidos por vaca ao dia no estado do Rio Grande do Sul vem aumentando nos últimos dez anos — período em que a instituição começou a gerar o relatório socioeconômico da cadeia produtiva leiteira—, passando de 11,8 em 2015 para 17 litros no ano de 2025. Alessandro de Moura Talamini, zootecnista na empresa Crotijal, em Sarandi - RS, com especialização em pecuária leiteira e nutrição de vacas leiteiras, comenta: “Esse avanço reflete a evolução tecnológica e a profissionalização da pecuária leiteira nacional, impulsionadas por melhorias genéticas, nutricionais e de manejo”. Segundo ele, destacam-se fatores como o uso de inseminação artificial com cruzamentos direcionados, dietas equilibradas, tecnologias de ordenha, sistemas de resfriamento e assistência

técnica, consolidando a pecuária leiteira brasileira como uma atividade cada vez mais eficiente, sustentável e competitiva.

Para Mateus, chefe municipal e engenheiro agrônomo da Emater em Frederico Westphalen, a produção leiteira do município em 2024 gerou uma renda de R\$50 milhões, que circulou praticamente em sua totalidade no comércio local e foi fundamental para a economia da cidade.

Trabalhar na agricultura, especialmente com a produção leiteira, exige muito esforço e gosto pela profissão. Claudio e Leandro contam que trabalhar com vacas significa abrir mão de grande parte do lazer, já que a ordenha é feita duas vezes por dia, todos os dias da semana. “Tu não tem sábado, tu não tem domingo, tu não tem feriado”, comenta Claudio.

Quando questionados sobre os maiores desafios da produção leiteira, ambos respondem que é o preço do leite. De acordo com o site da Emater, o preço do litro do leite entre setembro e outubro de 2025 — referente a um período de 45 dias — sofreu uma queda de 0,12 centavos por litro, passando de R\$2,41 em setembro para R\$2,29 em outubro.

Segundo Leandro, ele entrega o leite para a cooperativa e apenas após 45 dias saberá o valor exato que vai receber por litro. “É às escuras”, relata o produtor. As reduções no preço são sentidas no montante final arrecadado com a produção e acabam afetando a qualidade de vida da família, bem como a sequência da própria produção.

Apesar das dificuldades, os produtores relataram que gostam da profissão que possuem e que, hoje, não a trocariam. Assim como em qualquer profissão, tem que ter amor pelo que se faz, tem que se ter foco e determinação em busca dos resultados, afirma Claudio. “Então tu tem que ter uma paixão por aquilo e com certeza qualquer atividade vai dar certo”.



DO CHÃO AO ASFALTO

Pavimentação da estrada Santo Caeran concretiza reivindicação iniciada em 1986, em Frederico Westphalen

LUIZA CAMPOS

Após meses de expectativa, a estrada Santo Caeran, conhecida popularmente como estrada da Faguense, teve o asfaltamento concluído em setembro de 2025, em Frederico Westphalen, cidade da região noroeste do Rio Grande do Sul com cerca de 32 mil habitantes. O trajeto, que serpenteia entre áreas residenciais e rurais próximas à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar), agora garante mais segurança e facilidade de acesso a motoristas, estudantes e moradores da região.

O projeto começou em maio de 2024, mas precisou ser interrompido devido a problemas estruturais no local. A finalização da obra contemplou 3,5 quilômetros de extensão e representou um investimento de aproximadamente R\$2,4 milhões, financiados com recursos do município. A execução ficou a cargo de empresa contratada por meio de licitação pública, com acompanhamento da Prefeitura Municipal.

Segundo o secretário de Planejamento Urbano, Valdenir Cadore, o atraso ocorreu porque a área do projeto não apresentava condições adequadas para a continuidade dos trabalhos, o que levou a pavimentação a ser concluída mais de um ano depois do previsto.

A ESTRADA SANTO CAERAN AO LONGO DOS ANOS

O projeto da criação da estrada surgiu em 1986, quando lideranças políticas locais começaram a articular a abertura da via. Segundo o historiador Wilson Ferigollo,



Estrada Santo Caeran após pavimentação. | Foto: Luiza Campos

em seu livro Rastros e Rostos do Barril, o então vereador Vilson Covatti foi um dos principais responsáveis por defender o projeto, reconhecendo a importância de aproximar moradores de áreas rurais do núcleo urbano.

Durante décadas, a estrada permaneceu sem manutenção adequada, apresentando uma estrutura insuficiente para atender às necessidades de quem dela dependia. Inês Justina Cristanelo Manfio, agricultora, e Félix Manfio, agricultor, ambos moradores da Linha Faguense, cuja casa fica em frente à estrada, relatam que, naquele período, muitos carros caíram na valeta, que são buracos que se formam pela chuva e pela falta de manutenção da estrada.

“Eu levantava até duas na madrugada, pegava os bois no potreiro e ia socorrer a gente na valeta”.

A situação começou a mudar em 2006, quando o campus da UFSM foi inaugurado em Frederico Westphalen. Naquele momento, moradores da região reivindicaram melhorias na estrada de terra. Félix foi um dos que estavam presentes na reunião e contou que conversou com o prefeito da época sobre a aplicação de cascalho na via, já que percebia e vivenciava toda a dificuldade enfrentada por quem passava por lá.

Dois anos depois, em 2008, seguindo o planejamento de melhorias, a estrada passou a ter pavimento de pedra, basáltico e paralelepípedo. Com o crescimento da cidade e a expansão do campus universitário, o percurso tornou-se cada vez mais movimentado, exigindo intervenções mais estruturais. Hoje, ele conecta bairros e comunidades rurais ao centro da cidade e

às instituições federais de ensino ali localizadas.

A estrada Santo Caeran tornou-se também alternativa à BR-386, frequentemente congestionada em horários de pico. Como morador do município de Frederico Westphalen, o historiador Wilson Ferigollo confirma. “Eu quando vou para Taquaruçu do Sul [município vizinho], vou por aqui sempre, não vou pelo asfalto, sempre faço isso, porque é muito mais rápido, não pego aquele trânsito incrível que tem ali no asfalto [na BR]”.

REFLEXOS DA URBANIZAÇÃO

A pavimentação da Estrada Santo Caeran acompanha o avanço da urbanização de Frederico Westphalen, criando novas vias de acesso e integração para moradores. Além de facilitar o deslocamento, o



Área de de loteamentos próximas à Estrada Santo Caeran. Foto: Luiza Campos

novo asfalto já impulsiona a valorização imobiliária, comenta Félix Manfio. “Quando eu vendi a chácara aqui, valia R\$ 5.000. Mas quando passou isso aí, aqui um hectare de terra vale um milhão e meio.”

Como o asfalto, a região também atrai empreendimentos com finalidade comercial. De acordo com o secretário de planejamento urbano, o plano diretor prevê esses estabelecimentos. “Porque ao longo da via já tem terrenos que são já pré-reservados no plano diretor e na aprovação dos loteamentos, ele tem uma característica comercial”. Esses novos investimentos, como postos de gasolina e comércios que serão instalados, buscam melhorar a rotina dos moradores, reduzindo a necessidade de deslocamentos.

Para Graziela da Silva Mota, professora de Sociologia do IFFar, campus Frederico Westphalen e doutora em Ciências Humanas, essa obra trouxe um avanço para a mobilidade de moradores da região, mas há necessidade de maior acesso na via, como a presença de ciclistas e pedestres, já que o projeto da construção foi pensado somente para passagem de veículos.

A professora, que é moradora da região e não possui carro, comentou a respeito dessa falta de mobilidade urbana para quem não tem automóvel. “O que eu acho que não foi pensada foi uma ciclofaixa, poderiam já ter planejado isso, para que as pessoas pudessem andar de bicicleta com segurança”, salienta.

Ela precisa caminhar até a UFSM ou o IFFar para usar o ônibus terceirizado dos estudantes ou, então, solicitar transporte de aplicativo para conseguir se deslocar até o centro da cidade, quando quer utilizar os serviços básicos que o bairro ainda não oferece.

Segundo o secretário de planejamento, em meio às demandas dos moradores

existem estudos e discussões a respeito da inserção de transporte público que atenda a população de Frederico Westphalen.

QUANDO O URBANO ENCONTRA O RURAL

A integração entre o rural e o urbano transformou a paisagem ao longo da estrada Santo Caeran nos últimos anos. De acordo com Oscar Agustin Torres Figueiredo, professor do Departamento de Engenharia Florestal da UFSM/FW e doutor em Desenvolvimento Rural, essas alterações são avanços que vêm acompanhados de desafios ambientais significativos.

Um deles é a maneira de escoamento e drenagem das águas pluviais, já que a impermeabilização

do solo pavimentado dificulta a absorção natural da água. Oscar destaca que, sem planejamento adequado, as obras de infraestrutura podem ter consequências negativas a médio e longo prazo.

Outro ponto importante é o risco de que animais nativos sofram com o aumento do tráfego e a redução de áreas verdes. Espécies como aves, lagartos e pequenos mamíferos que habitam a área são os grupos que enfrentam maior risco de atropelamento e de perda de habitat.

O professor destaca que é preciso equilibrar o crescimento urbano e a preservação da identidade rural da região através de medidas de planejamento sustentáveis, como sistemas eficientes de drenagem, controle de velocidade, sinalização adequada e a preservação de áreas verdes.

Pensar no futuro da estrada Santo Caeran é entender que os moradores planejarão um espaço que combine as qualidades do rural, mantendo as áreas de preservação existentes na região, e as qualidades do urbano, que promoverão melhorias na via e acesso a serviços básicos, conclui Oscar.



Área de de loteamentos próximas à Estrada Santo Caeran

OPINIÃO

NA CORDA BAMBA DA CULTURA NO BRASIL

A Lei Aldir Blanc foi criada em junho de 2020, e surgiu como um respiro para os artistas em meio ao caos da pandemia. O governo criou uma lei que garantiu o repasse de um total de R\$3 bilhões, assegurando o sustento de muitos cidadãos que tinham a cultura como principal fonte de renda.

Ela recebeu esse nome em homenagem a Aldir Blanc, um dos maiores compositores e letristas da Música Popular Brasileira (MPB), falecido em maio de 2020 em decorrência da Covid-19. O artista é autor de muitos clássicos da música brasileira, como O bêbado e a equilibrista, escrita em conjunto com João Bosco e interpretada por Elis Regina.

Essa lei forneceu renda emergencial, subsídios para espaços culturais e ajudou a fomentar ações de cultura através de editais e premiações. Diante do momento de isolamento social, o recurso governamental soou como uma gorjeta e alguns trocados jogados em frente a uma apresentação artística de rua, porém dessa vez, sem público e sem rua. A Lei Aldir Blanc deu uma “esperança equilibrista”, pois sabe que “o show de todo artista tem que continuar”.

A ajuda ao setor cultural, que era para ser temporária, passou a ser permanente. Foi então criada a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), que consiste numa política de fomento baseada na Lei Aldir Blanc. Essa política surgiu em 2022 e se tornou permanente em 2025. Ela prevê o repasse de R\$15 bilhões ao setor de 2023 até 2027.

Por meio dessa iniciativa, o governo federal é responsável por distribuir um valor para a cultura de acordo com a quantidade de habitantes de cada município, e as prefeituras ficam

responsáveis por repassá-lo aos agentes culturais, por meio de editais com prestação de contas. “Tal qual a dona do bordel, pedia a cada estrela fria um brilho de aluguel”, como diz a canção.

Essa ampliação e valorização da cultura desde 2020 foi um marco histórico e passou a abrir mais espaço para debates envolvendo a arte e o desenvolvimento social das cidades. Em 2023, a Região Norte do país era a que menos possuía acesso a cinemas, museus e teatros, segundo o IBGE. Essa situação é um reflexo da desigualdade social presente no Brasil, visto que as regiões mais ricas possuem maior acesso a atividades culturais.

“A cultura não pode mais ser vista como vaso de flores que adorna os salões dos privilegiados”, afirmou Gilberto Gil, enquanto ministro da Cultura, durante a abertura da Conferência Nacional de Cultura do PT, em 2003. Dessa forma, a cultura precisa ser vista como algo essencial e igualitário, e não como um privilégio a que apenas alguns grupos sociais têm acesso. A cultura não deve ser privatizada. Enquanto algumas pessoas possuem condições de visitar diversos museus ao redor do mundo, outras não conseguem frequentar museus em suas próprias cidades, seja por falta de estrutura, tempo ou pelos valores abusivos cobrados na visita. A Lei Aldir Blanc funciona como um impulsor por meio de investimentos públicos. E tais investimentos não são apenas para shows, mas também para a melhoria no acesso e na infraestrutura dos órgãos culturais.

Entretanto, o descaso de alguns gestores demonstra que, mesmo com os incentivos, a cultura ainda é vista como algo fútil ou deixada em segundo plano. Alguns estados e municípios negligenciaram a utilização

desses recursos da PNAB, chamando a atenção da Polícia Federal (PF), que investigou casos de desvios nos estados do Paraná e Piauí. Isso se deve à descredibilização de demandas culturais em seus respectivos locais, afetando a verba orçamentária das pastas responsáveis pelo apoio à arte e à cultura.

Esse descrédito pode estar relacionado a uma contrariedade ideológica ou apenas a uma realocação do dinheiro para outros setores dos órgãos municipais ou estaduais. Tal fato nos faz entender o porquê da cultura ainda ser algo inacessível para algumas classes na nossa sociedade.

A criação de leis orçamentárias para o incentivo à cultura é importante para o aumento do bem-estar social no meio urbano e rural do nosso país, fortalecendo a associação entre o indivíduo e a sociedade onde ele se insere. Para o Ministério da Cultura (MinC) e demais instituições governamentais, essas leis auxiliam no engrandecimento da identidade cultural nacional, “fazendo irreverências mil” para os artistas do Brasil.

No entanto, é fundamental que os gestores locais tenham compromisso e honestidade com o repasse desses valores, para que essas verbas cheguem a quem precisa e não haja “uma dor pungente”. É necessário que os políticos passem a enxergar a cultura não como um gasto, mas como um investimento na formação de cidadãos criativos e críticos. Além disso, precisamos que a própria sociedade peça mais cultura em suas cidades para que esse movimento, “não seja inutilmente a esperança de dança na corda bamba de sombrinha e que em cada passo pode se machucar”.

ISABELLE OKUBO

FICOU PRONTO E FICOU BEM FEITO

A pavimentação da Estrada Santo Caeran, em Frederico Westphalen (RS), demorou bastante. Teve paradas, problemas e muita promessa, muita gente achou que nunca ia sair. Mas, depois de tanto tempo, a obra ficou pronta e ficou bem feita.

Segundo a rádio Luz e Alegria, a prefeitura começou a obra no dia 19 de maio de 2025. O prefeito disse que duraria uns dois meses e pediu paciência por causa do trânsito. No meio do caminho, eles encontraram falhas no projeto e tiveram que parar tudo para arrumar. Isso atrasou mais ainda e deixou o povo bravo. Mas agora a estrada está pronta e o resultado é bom.

Eu moro nessa região e sei bem como era antes. A estrada tinha muitos buracos, pedras soltas e barro. Me lembro que quando chovia, ficava cheia de lama e difícil de passar;

quando fazia sol, a poeira levantava e sujava tudo. Era ruim para quem ia trabalhar, estudar ou vender produtos no centro.

Os motoristas de aplicativo e os taxistas não gostavam de passar por ali. Quando aceitavam, cobravam mais caro, com medo de estragar o carro. Isso atrapalhava os moradores da zona rural e também o turismo, já que o acesso ao Parque Municipal da Faguense e ao Estádio do União Frederiquense era ruim. Mesmo com os incômodos durante a obra, valeu a pena esperar. Agora a estrada está boa com asfalto novo e segura. O caminho até a cidade ficou mais rápido e fácil. O comércio da região também melhorou, porque mais veículos estão passando por lá.

Essa obra mostra que, quando o povo cobra e a prefeitura faz a sua parte, as coisas acontecem. Por muitos anos, os moradores pediram essa

melhoria e, enfim, foram ouvidos. Isso prova que a união e a voz do povo fazem diferença. A estrada não é só asfalto, é mais qualidade de vida. Uma estrada boa facilita o acesso à saúde, à escola, ao trabalho e ao lazer. Ajuda o agricultor a levar sua produção, facilita o transporte e melhora o dia a dia de quem mora ali.

Ainda existem outras comunidades precisando de melhorias. A prefeitura deve continuar cuidando das estradas e fazendo sua manutenção. Mas, no caso da Linha Faguense, podemos dizer que o trabalho deu certo. Depois de tanta espera e desconfiança, finalmente temos uma estrada boa. Agora é motivo de orgulho para quem vive na região. Podemos dizer, com certeza, que o trabalho ficou pronto e até que ficou bem feito.

FRANCK KARDOREL

A ÁGUA QUE NÃO CHEGA E O SANEAMENTO NADA BÁSICO

Falar sobre saneamento básico no Brasil é, antes de tudo, falar sobre desigualdade. O saneamento é uma daquelas pautas que aparecem no topo da agenda pública, mas que, por ser silenciosa e pouco visível, acaba frequentemente esquecida. Apesar de ser um direito garantido pela Constituição e um fator essencial para a saúde pública, o acesso à água potável e ao esgoto tratado ainda é negado a milhões de brasileiros.

De acordo com o Instituto Trata Brasil, mais de 30 milhões de pessoas vivem sem acesso à água encanada e quase 100 milhões não têm coleta de esgoto. Em pleno século 21, essa realidade não representa apenas um atraso técnico, é um retrato do descaso histórico e da desigualdade estrutural que atravessam o país.

Não é preciso ir longe para perceber o problema. Em cidades como Frederico Westphalen (RS), por exemplo, grande parte dos bairros ainda

não possui sistema de esgotamento sanitário. A falta de infraestrutura afeta principalmente as populações em situação de vulnerabilidade social, que continuam privadas do que deveria ser o mínimo para uma vida digna.

As consequências dessa negligência gritam nas estatísticas, com doenças transmitidas por água contaminada, internações infantis por diarreia e comunidades inteiras vivendo em meio ao esgoto a céu aberto. Quando o básico falta, todo o resto desaba. É comum ouvir que o problema é “falta de investimento”, mas a verdade é que o país investe mal e tardiamente. Obras de saneamento não rendem votos, pois ficam escondidas sob o chão longe das lentes e dos discursos das inaugurações políticas.

Enquanto isso, milhões de brasileiros continuam dependentes de caminhões-pipa, cisternas improvisadas e promessas que nunca saem do papel. Falar de saneamento é falar

de dignidade humana. Nenhum plano de desenvolvimento será completo enquanto brasileiros ainda precisarem encher baldes para garantir o banho do dia seguinte.

Mais do que uma obra de infraestrutura, o saneamento é um ato de justiça social. Universalizar o acesso à água tratada e ao esgoto não deveria ser visto como luxo, mas como um passo essencial para a saúde, a educação e a economia do país. O saneamento “básico” só deixará de ser uma ironia quando for, de fato, básico e acessível a todos.

O Brasil que sonha em ser potência verde precisa, antes, resolver a sujeira que corre pelos próprios esgotos. Afinal, não há sustentabilidade possível quando milhões ainda vivem sem o direito mais simples: o de abrir uma torneira e ver a água chegar.

MARINA LIMA

UM PASSO DE CADA VEZ

Não há dúvidas de que o exercício físico é benéfico para a saúde de um ser humano. Dentre tantas formas de exercitar o corpo e o cérebro, a simples ação de correr ou caminhar destaca-se como uma alternativa “fácil” para manter a rotina de treinamentos do cidadão.

Em um estudo realizado pela Universidade de Harvard, uma das mais conceituadas e respeitadas do mundo, essa modalidade de exercício físico contém seis principais impactos positivos para a saúde do ser humano. Segundo os acadêmicos da Escola de Saúde Pública T.H. Chan, entram na lista destes benefícios o menor risco cardiovascular e de desenvolvimento de diabetes, o controle de peso, um melhor sono, a redução nos sintomas de ansiedade e depressão e a diminuição de riscos de morte no geral.

O grande “entrave” da sociedade atual, que será apresentado nas pesquisas a seguir, diz respeito à situação da prática atual de exercícios físicos, que mesmo apontando bons números para o Brasil, a nível mundial, escancara uma realidade preocupante no planeta, o alto sedentarismo.

Segundo dados de 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 28 milhões de pessoas realizam atividades físicas no Brasil. Em outro levantamento, feito com base nas estatísticas da plataforma de pessoas ativas Strava, o país possui a segunda maior comunidade de corredores no mundo, com cerca de 19 milhões de participantes.

Os números, mesmo colocando o Brasil no “pódio” mundial de corredores, ainda são baixos, quando comparados aos da população total do território nacional, de 212 milhões de pessoas (IBGE/2024). Em outro levantamento, feito pelo IBGE, desta vez no período de 2024/2025, os resultados apontam que cerca de 47% dos cidadãos não praticam nenhuma atividade de exercício físico, contemplando um total de quase 100 milhões de pessoas.

Quando esta última pesquisa é englobada em um cenário internacional, a situação fica mais preocupante.

Em 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) realizou um levantamento, que apontou que cerca

de 1,8 bilhões de adultos são sedentários, com esta quantidade podendo aumentar em 35% até 2030, o que seria trágico para a realidade global.

Fica então um desafio para as próximas gerações, pois, com as pesquisas apresentadas acima, aliadas à realidade atual do Brasil, surgem muitas dúvidas e receios quanto ao cenário futuro da população em relação à prática de atividade física.

No cotidiano, cada vez mais pessoas ganham a vida nas redes sociais, mostrando uma vida saudável com uma rotina regrada de exercícios físicos, podendo ser este um caminho para influenciar e trazer mais pessoas para a prática da atividade.

De mesma forma, o caminho ainda é longo, com muitas elevações para serem enfrentadas, e muitas estradas irregulares para serem percorridas, até, finalmente, chegarmos a uma realidade, onde a linha de chegada seja repleta de saúde e qualidade de vida para a maior parte da população, não só do Brasil, mas também do mundo.

EDUARDO FARIA

SANEAMENTO SUSTENTÁVEL NA UNIVERSIDADE

Projeto utiliza processos naturais para inovação no tratamento de esgoto

| 17

INCENTIVO TRANSFORMA PROJETOS EM REALIDADE

Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura movimentou Frederico Westphalen

| 5



Thais em ação na Corrida rústica pela saúde em Frederico Westphalen no dia 17 de agosto de 2025. O evento reuniu atletas de várias regiões. | Foto: Divulgação

A ESTRADA DA FAGUENSE AO LONGO DOS ANOS

A pavimentação da via revela décadas de espera, transformações e novos desafios.

| 21

FORMAÇÃO INDÍGENA NA UFSM/FW

Curso fortalece saberes tradicionais e prepara educadores para escolas kaingang

| 3

CORRIDA RÚSTICA GANHA FORÇA NA REGIÃO

Em 10 anos, o número de participantes da competição natalina cresceu de 6 para 350

| 15

GRADUAÇÃO

Bacharelado – presencial – em:

- Agronomia
- Engenharia Ambiental e Sanitária
- Engenharia Florestal
- Jornalismo
- Relações Públicas
- Sistemas de Informação (noturno)

Licenciatura em:

- Computação - EAD
- Intercultural Indígena - presencial

PÓS-GRADUAÇÃO

Agronomia: Agricultura e Ambiente
- Mestrado e Doutorado

Ciência e Tecnologia Ambiental
- Mestrado

Gestão de Tecnologia de Informação
- Especialização

